

Exercício 1

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do livro *O oráculo da noite*, do neurocientista Sidarta Ribeiro.

A palavra sonho, do latim *somnium*, significa muitas coisas diferentes, todas vivenciadas durante a vigília, e não durante o sono. Realizei “o sonho da minha vida”, “meu sonho de consumo” são frases usadas cotidianamente pelas pessoas para dizer que pretendem ou conseguiram alcançar algo. Todo mundo tem um sonho, no sentido de plano futuro. Todo mundo deseja algo que não tem. Por que será que o sonho, fenômeno normalmente noturno que tanto pode evocar o prazer quanto o medo, é justamente a palavra usada para designar tudo aquilo que se quer ter?

O repertório publicitário contemporâneo não tem dúvidas de que o sonho é a força motriz de nossos comportamentos. Desejo é o sinônimo mais preciso da palavra “sonho”. [...] Na área de desembarque de um aeroporto nos Estados Unidos, uma foto enorme de um casal belo e sorridente, velejando num mar caribenho em dia ensolarado, sob a frase enigmática: “Aonde seus sonhos o levarão?”, embaixo o logotipo da empresa de cartão de crédito. Deduz-se do anúncio que os sonhos são como veleiros, capazes de levar-nos a lugares idílicos, perfeitos, altamente... desejáveis. As equações “sonho é igual a desejo que é igual a dinheiro” têm como variável oculta a liberdade de ir, ser e principalmente ter, liberdade que até os mais miseráveis podem experimentar no mundo de regras frouxas do sonho noturno, mas que no sonho diurno é privilégio apenas dos detentores de um mágico cartão plástico.

A rotina do trabalho diário e a falta de tempo para dormir e sonhar, que acometem a maioria dos trabalhadores, são cruciais para o mal-estar da civilização contemporânea. É gritante o contraste entre a relevância motivacional do sonho e sua banalização no mundo industrial globalizado. [...] A indústria da saúde do sono, um setor que cresce aceleradamente, tem valor estimado entre 30 bilhões e 40 bilhões de dólares. Mesmo assim a insônia impera. Se o tempo é sempre escasso, se despertamos diariamente com o toque insistente do despertador, ainda sonolentos e já atrasados para cumprir compromissos que se renovam ao infinito, se tão poucos se lembram que sonham pela simples falta de oportunidade de contemplar a vida interior, quando a insônia grassa e o bocejo se impõe, chega-se a duvidar da sobrevivência do sonho.

E, no entanto, sonha-se. Sonha-se muito e a granel, sonha-se sofregamente apesar das luzes e dos ruídos da cidade, da incessante faina da vida e da tristeza das perspectivas. Dirá a formiga cética que quem sonha assim tão livre é o artista, cigarra de fábula que vive de brisa. [...] Na peça teatral *A vida é sonho*, o espanhol Pedro Calderón de la Barca dramatizou a liberdade de construir o próprio destino. O sonho é a imaginação sem freio nem controle, solta para temer, criar, perder e achar.

(*O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*, 2019.)

(Unifesp 2021) “Mesmo assim a insônia impera.” (3º parágrafo)

No contexto em que se encontra, a expressão sublinhada exprime ideia de

- a) causa.
- b) condição.
- c) oposição.
- d) conclusão.
- e) consequência.

Exercício 2

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando pensamos em **EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS NO EXTERIOR**, automaticamente relacionamos o tema aos melhores aspectos positivos possíveis, como a vivência na língua, na cultura, na culinária, entre outros. Contudo, há outros aspectos relevantes – positivos e negativos – que a atividade deseja também abordar. Somos seres humanos em construção e interligados pela intensa globalização do século XXI. Assim, a escolha desse tema se dá pelo desejo de acrescentar reflexões importantes ao cotidiano de nossos jovens estudantes.

Texto**Relato de experiência**

Meu nome é Rafael Lemos da Silva e eu estudo Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). No segundo semestre de 2015, eu decidi fazer um intercâmbio acadêmico para a Universidade da Flórida (UF), tendo em vista que o meu curso requer uma experiência internacional. O meu intercâmbio acadêmico foi incrível, porque foi a primeira vez que eu fui para outro país. O intercâmbio possibilitou o exercício diário do inglês e do espanhol. Por outro lado, inicialmente eu achei difícil me adaptar à cultura estadunidense, porque eles não gostam de contato físico e costumam ser extremamente diretos em suas conversações. Além disso, existe uma cultura favorável ao consumo de *fast food*, o que prejudicou a minha saúde. (...)

As minhas aulas foram sensacionais! Meus professores eram especialistas nos assuntos tratados em aula e tinham diversos livros publicados sobre os mesmos, o que enriquecia a aprendizagem. A estrutura das aulas era completamente diferente, porque eu tinha a mesma matéria três vezes por

semana durante 50 minutos, fazendo com que o professor sintetizasse a matéria e com que a disciplina cobrisse mais tópicos. As aulas eram dialogadas e muitos professores atribuíam uma nota considerável para a participação em sala de aula. Ademais, eu tinha cerca de 500 páginas em inglês para ler todas as semanas para as minhas aulas.

Um fator impressionante foi a infraestrutura da Universidade da Flórida. A universidade ocupa quase metade da cidade de Gainesville, na Flórida. Eu morei em uma república dentro da universidade e dividia o meu quarto com um americano. Eu geralmente passava mais tempo na biblioteca da universidade que possuía uma infraestrutura incrível. As bibliotecas ficavam abertas 24 horas por dia para estimular o estudo por parte dos alunos e eles tinham uma loja do Starbucks dentro da própria biblioteca.

As universidades estadunidenses costumam incentivar atividades internas para os seus estudantes. Por exemplo, durante o meu intercâmbio a Universidade da Flórida promoveu cerca de cinco shows com artistas americanos como T.I. e Andy Grammer. Além disso, a Universidade da Flórida costumava promover palestras sobre temas como a violência policial e convidava personalidades estadunidenses influentes nessas questões. (...)

(Fonte: <https://www.ufsm.br/oraaos-de-apoio/sai/relatos-de-exDerencia-no-exterior/>. Acessado em: 02/09/2020)

Observação: por se tratar de um relato de experiência publicado no blog (ambiente informal) da Universidade Federal de Santa Maria, o texto apresenta desvios quanto à norma-padrão.

(G1 - cmrj 2021) Analise o trecho destacado do texto abaixo:

"Além disso, a Universidade da Flórida costumava promover palestras sobre temas como a violência policial e convidava personalidades estadunidenses influentes nessas questões. (...)"

Dentre as alternativas abaixo, assinale a que apresenta conectivo de igual valor semântico ao destacado no trecho acima.

- a) Os estudos não somente instruem, mas também divertem.
- b) Estude agora ou perderá a oportunidade.
- c) Possuem grandes problemas e não reclamam.
- d) Dedique-se, nem que seja um pouco.
- e) Queremos ter sucesso, mas não nos dedicamos.

Exercício 3

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho inicial da crônica “Os segredos do spa”, de Moacyr Scliar.

Diferente de SPC, a palavra Spa não é uma sigla, não se trata de nenhum Serviço-de-Proteção-a-Qualquer-Coisa. É o

nome de uma cidade da Bélgica, famosa, desde o século 14, por suas águas minerais. Século 14, sim: é muito antiga a crença do homem no poder dessas águas que brotam do seio da terra, aquecidas, segundo a lenda, nas forjas do deus Vulcano. E há muito tempo pessoas vão aos banhos termais, em busca de tratamento para situações que vão desde as doenças de pele até os proverbiais males do fígado. As águas foram estudadas e classificadas: sulfurosas, bicarbonatadas, ferruginosas. E para cada tipo de doença havia uma água específica. Tãmanha demanda acabou criando uma verdadeira indústria: grandes estabelecimentos foram construídos para hospedar pessoas que vinham muitas vezes de longe em busca de curas para os seus males. Alguns desses hotéis ficaram famosos pelo luxo barroco; num desses, Alain Resnais filmou o famoso *O ano passado em Marienbad*, um filme cult dos anos 60, no qual os longos corredores serviam de metáfora para os labirintos da paixão. Irai, aqui no Rio Grande do Sul, sempre foi um equivalente modesto, mas digno.

As pessoas melhoravam no spa. E por que não haviam de melhorar? Comiam bem (inclusive para afastar o espectro da tuberculose, sempre associada à magreza), descansavam, conversavam e sobretudo relaxavam: mergulhadas na água tépida, voltavam por algumas horas ao líquido amniótico onde o feto está a salvo dos desgostos do amor e da fúria da inflação. E isso preserva a reputação das termas até hoje.

(A face oculta, 2001. Adaptado.)

(Famema 2021) “Irai, aqui no Rio Grande do Sul, sempre foi um equivalente modesto, mas digno.” (1º parágrafo)

Mantendo aproximadamente o sentido original, o trecho sublinhado pode ser substituído por:

- a) modesto, no entanto digno.
- b) modesto, senão digno.
- c) digno, pois modesto.
- d) modesto, apesar de digno.
- e) digno, entretanto modesto.

Exercício 4

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A última página

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. ¹Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

²Mesmo em sociedades que deixaram registros de sua passagem, a leitura precede a escrita³; o futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema de signos antes de colocá-los no papel. ⁴Para a maioria das sociedades letradas – para o islã, para as sociedades judaicas e cristãs como a minha,

para os antigos maias, para as vastas culturas budistas –, ler está no princípio do contrato social; aprender a ler foi meu rito de passagem.

⁵Depois que aprendi a ler minhas letras, li de tudo: livros, ⁶mas também notícias, anúncios, os títulos pequenos no verso da passagem do bonde, letras jogadas no lixo, jornais velhos apanhados sob o banco do parque, grafites, a contracapa das revistas de outros passageiros no ônibus. Quando fiquei sabendo que Cervantes, em seu apogeu à leitura, lia “até os pedaços de papel rasgado na rua”, entendi exatamente que impulso o levava a isso. Essa adoração ao livro ⁷(em pergaminho, em papel ou na tela) é um dos alicerces de uma sociedade letrada.

A experiência veio a mim primeiramente por meio dos livros. Mais tarde, quando me deparava com algum acontecimento, circunstância ou algo semelhante ⁸ _____ ⁹sobre o qual havia lido, isso me causava o ¹⁰sentimento um tanto surpreendente, ¹¹mas desapontador de *déjà vu*, ¹²porque imaginava que aquilo que estava acontecendo agora já havia me acontecido em palavras, já havia sido nomeado.

Meus livros eram para mim transcrições ou glosas ¹³ _____ outro Livro colossal. Miguel de Unamuno, em um soneto, ¹⁴fala do tempo, ¹⁵cuja fonte está no futuro; minha vida de leitor deu-me a mesma impressão de nadar contra a corrente, vivendo o que já tinha lido. Tal como Platão, passei do conhecimento para seu objeto. Via mais realidade na ideia do que na coisa. ¹⁶Era nos livros que eu encontrava o universo ¹⁷: digerido, classificado, rotulado, meditado, ainda assim formidável.

¹⁸A leitura deu-me uma desculpa para a privacidade, ou talvez tenha dado um sentido à privacidade que me foi imposta, ¹⁹uma vez que, durante a infância, depois que voltamos para a Argentina, em 1955, vivi separado do resto da família, cuidado por uma babá em uma seção separada da casa. ²⁰Então, meu lugar favorito de leitura era o chão do meu quarto, deitado de barriga para baixo, pés enganchados ²¹sob uma cadeira. Depois, tarde da noite, minha cama tornou-se o lugar mais seguro e resguardado para ler ²² _____ região nebulosa entre a vigília e o sono.

O psicólogo James ²³Hillman afirma que a ²⁴pessoa que leu histórias ou ²⁵para quem leram ²⁶histórias na infância “está em melhores condições e tem um ²⁷prognóstico melhor do que aquela ²⁸à qual é preciso apresentar as histórias. [...] Chegar cedo na vida já é uma perspectiva de vida”. Para Hillman, essas primeiras leituras tornam-se “algo vivido e por meio ²⁹do qual se vive, um modo que a alma tem de se encontrar na vida”. A essas leituras, e por esse motivo, voltei repetidamente, ³⁰e ainda volto.

Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava. ³¹Embora eu soubesse que era incapaz de inventar histórias como as que meus autores favoritos escreviam, achava que minhas opiniões frequentemente coincidiam com as deles e ³²(para usar a frase de Montaigne) “Passei a seguir-lhes o rastro, murmurando: ‘Ouçam, ouçam’”.

Fonte: MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 20-24. (Parcial e adaptado.)

(Ucs 2021) Nos enunciados **Lemos para compreender, ou para começar a compreender** (ref. 1) e **A leitura deu-me uma desculpa para a privacidade, ou talvez tenha dado um sentido à privacidade** (ref. 18), o articulador ou

a) une duas orações adversativas que estão justapostas.

b) expressa dúvida, hesitação; os fatos se realizam em tempos diferentes.

c) marca uma ênfase em relação à primeira oração.

d) liga duas orações de sentido distinto e exerce uma função excludente.

e) expõe duas formas de dizer o mesmo; reitera o dito na oração anterior.

Exercício 5

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O soneto *XIII* de *Via-Láctea*, coleção publicada em 1888 no livro *Poesias*, é o texto mais famoso da antologia, obra de estreia do poeta Olavo Bilac. O texto, cuidadosamente ritmado, suas rimas e a escolha da forma fixa revelam rigor formal e estilístico caros ao movimento parnasiano; o tema do poema, no entanto, entra em colisão com o tema da literatura típica do movimento, tal como concebido no continente europeu.

XIII

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via-láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo. *Antologia: Poesias*. Martin Claret, 2002. p. 37-55.

Via-Láctea. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000289.pdf>>.

Acesso em: 19/08/2019.

(Ime 2020) A palavra “pois”, usada em “Pois só quem ama pode ter ouvido” (verso 13),

a) exprime a consequência dos hábitos cotidianos do poeta de ouvir e entender estrelas.

b) tem uma função de justificação das razões pelas quais o poeta é capaz de ouvir e entender estrelas.

c) traz em si uma ideia de contraponto ao enlevo poético descrito no poema.

d) expressa a ideia da finalidade primeira do poeta enamorado, que é ouvir e entender estrelas.

e) estabelece a ideia de alternância, mas sem relação de equivalência nos versos do texto.

Exercício 6

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Por que as lhamas podem guardar o segredo para combater a gripe

Cientistas americanos recrutaram uma curiosa aliada para desenvolver tratamentos contra a gripe: a lhama. O sangue desse animal sul-americano foi utilizado para produzir uma nova terapia com anticorpos que têm o potencial de combater todos os tipos de gripe.

A gripe é uma das doenças mais hábeis na hora de mudar de forma. Constantemente, modifica sua aparência para despistar nosso sistema imunológico. Isso explica porque as vacinas nem sempre são efetivas e, a cada inverno, é necessário receber uma nova injeção para prevenir a doença.

Por isso, a ciência está à procura de uma forma de acabar com todos os tipos de gripe, não importando de qual cepa provenha ou o quanto possa sofrer mutações. É aí que entra a lhama.

Esses animais, nativos dos Andes, têm anticorpos incrivelmente pequenos em comparação com os dos humanos. Os anticorpos são as armas do sistema imunológico, e aderem às proteínas que sobressaem na superfície dos vírus.

Os anticorpos humanos tendem a atacar as pontas dessas proteínas, _____ essa é a parte em que o vírus da gripe muda com mais rapidez. _____ os anticorpos da lhama, com seu tamanho diminuto, conseguem atacar as partes do vírus da gripe que não sofrem mutação.

Uma equipe do Instituto Scripps, nos Estados Unidos, infectou lhamas com múltiplos tipos de gripe, para estimular uma resposta do seu sistema imunológico. Em seguida, analisou o sangue dos animais, procurando pelos anticorpos mais potentes, que poderiam atacar uma ampla variedade de vírus.

Os cientistas, _____, identificaram quatro anticorpos das lhamas. Depois, começaram a desenvolver um anticorpo sintético, que une elementos desses quatro tipos.

O trabalho, que foi publicado na revista científica *Science*, ainda está em estágios muito iniciais. A equipe de cientistas pretende realizar mais experimentos antes de fazer testes com humanos. “Ter um tratamento que possa funcionar contra uma variedade de cepas diferentes do vírus da gripe é algo muito desejado. É o Santo Graal da gripe”, afirma o professor Jonathan Ball, da Universidade de Nottingham.

(James Gallagher, Correspondente de Saúde e Ciência, BBC News. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/geral-46101443?](https://www.bbc.com/portuguese/geral-46101443?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1Bj0yRbAN1yzVPG9X8H0KC2BwjmlY)

[46101443?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1Bj0yRbAN1yzVPG9X8H0KC2BwjmlY](https://www.bbc.com/portuguese/geral-46101443?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1Bj0yRbAN1yzVPG9X8H0KC2BwjmlY). Acesso em 07/07/2019. Adaptado.)

(Ufpr 2020) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas acima, na ordem em que aparecem no texto.

a) mas – Mas – porém.

b) por isso – Então – porém.

c) mas – Já – então.

d) portanto – Mas – portanto.

e) por isso – Já – então.

Exercício 7

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Sinopse - O Rei Leão

O Rei Leão, da Disney, dirigido por Jon Favreau, retrata uma jornada pela savana africana, onde nasce o futuro rei da Pedra do Reino, Simba. O pequeno leão que idolatra seu pai, o rei Mufasa, é fiel ao seu destino de assumir o reinado. Mas nem todos no reino pensam da mesma maneira. Scar, irmão de Mufasa e ex-herdeiro do trono, tem seus próprios planos. A batalha pela Pedra do Reino é repleta de traição, eventos trágicos e drama, o que acaba resultando no exílio de Simba. Com a ajuda de dois novos e inusitados amigos, Simba terá que crescer e voltar para recuperar o que é seu por direito.

Disponível em: <https://www.cinepolis.com.br/filme/9848-o-rei-leao.html>. Acesso em: 02 set. 2019

(G1 - ifsc 2020) No período Mas *nem todos no reino pensam da mesma maneira* a palavra sublinhada expressa, em relação ao período anterior, a ideia de:

a) causa

b) consequência

c) explicação

d) justificativa

e) oposição

Exercício 8

(Eear 2019) Marque a alternativa **incorreta** quanto à classificação das orações coordenadas sindéticas destacadas.

a) Fabiano não só foi o melhor, mas também foi o mais votado. (aditiva)

b) Apresente seus argumentos ou ficará sem chance de defesa. (conclusiva)

c) Estude muito, pois a prova de conhecimentos específicos estará bem difícil. (explicativa)

d) Ela era a mais bem preparada candidata, mas a vaga de emprego foi destinada a sua amiga. (adversativa)

Exercício 9

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

Pichação-arte é pixação?

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no *graffiti* são essenciais e importantes de serem resgatados. O *graffiti* nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura *hip-hop* (Break, MC, DJ e *Graffiti*). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como *graffiti* artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre *graffiti* e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do *graffiti*, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do *graffiti* ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o *status*. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o *graffiti* norquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sógnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo. A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso

pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o *graffiti* foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência. Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um *workshop* sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pixação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o *graffiti*, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pixação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pixação? *Revista Arruaça*, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>>

Acesso em: maio 2018.

(Ita 2019) Assinale a alternativa em que o trecho sublinhado expressa ideia de causa.

a) Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

b) Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

c) A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e intelecção das inscrições; apenas os membros da própria comunidade decifram o conteúdo.

d) Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição.

e) O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o *status*.

Exercício 10

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(G1 - cmrj 2019) “As crianças precisam saber que existem limites!”

“Educar também é saber dizer ‘NÃO!’”

Podem-se unir essas duas falas em apenas uma única frase, sem alterar o seu sentido original, por meio do seguinte termo:

- a) se.
- b) mas.
- c) embora.
- d) porque.
- e) quando.

Exercício 11

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto com atenção e, em seguida, responda à(s) questão(ões) a seguir.

O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo
Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã. Então descobri que não tinha mais passado.

Eliane Brum

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

O Crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobrevivem à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegaram caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

Brasil, é você. Não posso ser aquele que não é.

O Museu Nacional queimando.

O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu Avô, Dom Pedro VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte da esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. É o golpe, é o golpe. ¹Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

Nunca salvaram. Há 500 anos não salvaram.

As costas de Pedro ferviam.

Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. “Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com estivesse queimando também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. “Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. “A realidade é ²Science Fiction.”

Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora, Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

“O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu?

O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora porque suas línguas se incendiaram lá dentro. E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

O Museu Nacional sem recursos do Governo Federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

Ouçõ então o chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: “Está tudo sob controle”.

Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: “O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

O Brasil está queimando.
E o meteoro estava dentro do museu.

(*El País Brasil*: O Jornal Global. Opinião. 3 de setembro de 2018.

Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html

Acesso em 14 de setembro de 2018.)

Nota:

²Ficção Científica.

(G1 - cftrj 2019) No texto acima, o conectivo destacado em “O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo” assume valor semântico de:

- a) oposição.
- b) alternância.
- c) consequência.
- d) proporcionalidade.

Exercício 12

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir e responda.

“Tem uma frase boa que diz: uma língua é um dialeto com exércitos. Um idioma só morre se não tiver poder político”, explica Bruno L’Astorina, da Olimpíada Internacional de Linguística. E não dá para discordar. Basta pensar na infinidade de idiomas que existiam no Brasil (ou em toda América Latina) antes da chegada

dos europeus – hoje são apenas 227 línguas vivas no país. Dominados, os índios perderam sua língua e cultura. O latim predominava na Europa até a queda do Império Romano. Sem poder, as fronteiras perderam força, os germânicos dividiram as cidades e, do latim, surgiram novos idiomas. Por outro lado, na Espanha, a poderosa região da Catalunha ainda mantém seu idioma vivo e luta contra o domínio do espanhol. Não é à toa que esses povos insistem em cuidar de seus idiomas. Cada língua guarda os segredos e o jeito de pensar de seus falantes. “Quando um idioma morre, morre também a história. O melhor jeito de entender o sentimento de um escravo é pelas músicas deles”, diz Luana Vieira, da Olimpíada de Linguística. Veja pelo aimará, uma língua falada por mais de 2 milhões de pessoas da Cordilheira dos Andes. Nós gesticulamos para trás ao falar do passado. Esses povos fazem o contrário. “Eles acreditam que o passado precisa estar à frente, pois é algo que já não visualizamos. E o futuro, desconhecido, fica atrás, como se estivéssemos de costas para ele”, explica.

CASTRO, Carol. Blá-blá-blá sem fim. *Galileu*, ed. 317, dez. 2017, p. 31.

(Uel 2019) Acerca de trechos do texto, considere os exemplos a seguir, quanto à presença de oração coordenada.

- I. “os germânicos dividiram as cidades”.
- II. “e luta contra o domínio do espanhol”.
- III. “os índios perderam sua língua e cultura”.
- IV. “e não cuidar de seus idiomas”.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente os exemplos I e II são corretos.
- b) Somente os exemplos I e IV são corretos.
- c) Somente os exemplos III e IV são corretos.
- d) Somente os exemplos I, II e III são corretos.
- e) Somente os exemplos II, III e IV são corretos.

Exercício 13

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Mito nº 6

“O certo é falar assim porque se escreve assim”

Diante de uma tabuleta escrita COLÉGIO é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga CÔlégio, que um carioca diga CULégio, que um paulistano diga CÔlégio. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”,

como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português (Imagine se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!). Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo! É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer BUnito ou BOnito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu, particular!

Fonte: BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 49ª ed. São Paulo: Loyola, 2007, p. 52-53. (adaptado) Acesso em: 10 abr. 2018

(G1 - ifsc 2019) Leia o excerto:

“É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, **mas** não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial”.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

A palavra em destaque poderia ser substituída, sem que houvesse alteração de sentido, por:

- a) senão
- b) assim
- c) pois
- d) e
- e) todavia

Exercício 14

(G1 - cftmg 2018) Recordo muito mais de minha mãe nos castigar ou nos bater do que do meu pai. Forço a memória e nenhuma imagem de sua mão batendo em mim surge. Todavia.

A lembrança de um jantar me machuca. Meu pai contava qualquer coisa para uns parentes nossos que nos visitavam. Minha irmã contestou o dito. Meu pai estava sóbrio, acho. E ele era, quando sóbrio, aquele tipo de homem que não admite que seus filhos o corrijam, o questionem. Pois então.

RITER, Caio. *Eu e o silêncio do meu pai*. São Paulo: Biruta, 2011. p. 74.

A propósito das estruturas linguísticas presentes no texto, afirma-se:

- I. A relação estabelecida entre as duas orações do primeiro período é de comparação.
- II. O emprego de ‘todavia’ segue a orientação tradicional de seu uso sintático difundido pelas gramáticas e marca a oposição entre as ideias apresentadas.
- III. A forma como a expressão ‘pois então’ é apresentada no texto cria um efeito de oralidade para a narrativa.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) I, II e III.

Exercício 15

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O PODER DA LITERATURA

José Castello

¹Em um século dominado pelo virtual e pelo instantâneo, que poder resta à literatura? Ao contrário das imagens, que nos jogam para fora e para as superfícies, a literatura nos joga para dentro. Ao contrário da realidade virtual, que é compartilhada e se baseia na interação, ²a literatura é um ato solitário, nos aprisiona na introspecção. Ao contrário do mundo instantâneo em que vivemos, dominado pelo “tempo real” e pela rapidez, a literatura é lenta, é indiferente às pressões do tempo, ignora o imediato e as circunstâncias.

Vivemos em um mundo dominado pelas respostas enfáticas e poderosas, enquanto a literatura se limita a gaguejar perguntas frágeis e vagas. A literatura, portanto, parece caminhar na contramão do contemporâneo. Enquanto o mundo se expande, se reproduz e acelera, ³a literatura contrai, pedindo que paremos para um mergulho “sem resultados” em nosso próprio interior. Sim: a literatura – no sentido prático – é inútil. ⁴Mas ela apenas parece inútil.

A literatura não serve para nada – é o que se pensa. A indústria editorial tende a reduzi-la a um entretenimento para a beira de piscinas e as salas de espera dos aeroportos. De outro lado, a universidade – em uma direção oposta, mas igualmente improdutiva – transforma a literatura em uma “especialidade”, destinada apenas ao gozo dos pesquisadores e dos doutores. Vou dizer com todas as letras: são duas formas de matá-la. A primeira, por banalização. A segunda, por um esfriamento que a asfixia.

Nos dois casos, a literatura perde sua potência. ⁵Tanto quando é vista como “distração”, quanto quando é vista como “objeto de estudos”, ⁶a literatura perde o principal: seu poder de interrogar, interferir e desestabilizar a existência. ⁷Contudo, desde os gregos, a literatura conserva um poder que não é de mais ninguém. ⁸Ela lança o sujeito de volta para dentro de si e o leva a encarar o

horror, as crueldades, a imensa instabilidade e ⁹o igualmente imenso vazio que carregamos em nosso espírito. Somos seres “normais”, como nos orgulhamos de dizer. Cultivamos nossos hábitos, manias e padrões. Emprestamos um grande valor à repetição e ao Mesmo. Acreditamos que somos donos de nós mesmos!

Mas ¹⁰leia Dostoiévski, leia Kafka, leia Pessoa, leia Clarice – ¹¹e você verá que rombo se abre em seu espírito. Verá o quanto tudo isso é mentiroso. ¹²Vivemos imersos em um grande mar que chamamos de realidade, mas que – a literatura desmascara isso – não passa de ilusão. A “realidade” é apenas um pacto que fazemos entre nós para suportar o “real”. A realidade é norma, é contrato, é repetição, ela é o conhecido e o previsível. O real, ao contrário, é instabilidade, surpresa, desassossego. O real é o estranho.

(...)

A literatura não tem o poder dos mísseis, dos exércitos e das grandes redes de informação. Seu poder é limitado: é subjetivo.

¹³Ao lançá-lo para dentro, e não para fora, ela se infiltra, como um veneno, nas pequenas frestas de seu espírito. Mas, ¹⁴nele instalada pelo ato da leitura, ¹⁵que escândalos, que estragos, ¹⁶mas também que descobertas e que surpresas ela pode deflagrar.

Não é preciso ser um especialista para ler uma ficção. Não é preciso ostentar títulos, apresentar currículos, ou credenciais. A literatura é para todos. Dizendo melhor: é para os corajosos ou, pelo menos, para aqueles que ainda valorizam a coragem.

(...)

<http://blogs.oglobo.globo.com/jose-castello/post/o-poder-da-literatura-444909.html>.
Acesso em: 21 de fev 2017.

(G1 - epcar (Cpcar) 2018) Assinale a opção em que NÃO se percebe uma ideia adversativa.

a) “Contudo, desde os gregos, a literatura conserva um poder que não é de mais ninguém.” (ref. 7)

b) “Ela lança o sujeito de volta para dentro de si e o leva a encarar o horror, as crueldades...” (ref. 8)

c) “...que escândalos, que estragos, mas também que descobertas e que surpresas ela pode deflagrar.” (ref. 15)

d) “Vivemos imersos em um grande mar que chamamos de realidade, mas que – a literatura desmascara isso – não passa de ilusão”. (ref. 12)

Exercício 16

(Acafe 2018) Considerando que as orações subordinadas adverbiais concessivas se opõem à ação da oração principal, mas sem impedir a sua realização, assinale a alternativa em que as duas orações entre colchetes são concessivas.

a) Antes de sair, deixou alguns trocados sobre a mesa [para a mãe comprar o pão]. / [Com o objetivo de combater o atraso na educação brasileira], entidades do terceiro setor estão dispostas a

envolver-se em projetos político-pedagógicos de alcance nacional.

b) [Quanto maior for o número de corruptores], maior é o número de corruptos. / [À medida que o furacão foi se deslocando para o continente], transformou-se em tempestade tropical.

c) [Toda vez que vejo um manacá da serra florido], lembro de minha infância no sítio de meus pais. / As portas eram rapidamente fechadas [sempre que a polícia conduzia ao fórum um réu perigoso].

d) [Ainda que as cervejas artesanais servidas na festa sejam de ótima procedência], alguém ficará insatisfeito. / Alguns trabalhadores chegaram atrasados [embora tivessem sido avisados do horário de fechamento da secretaria da empresa].

Exercício 17

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O milagre das folhas

¹Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes ²isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? ³Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria”. ⁴Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas.

⁵Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou ⁶daqueles que rolam pedras durante séculos, e não ⁷daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo (sic), capacidade de projetar no alucinatório as imagens inconscientes.

Milagre, não. Mas as coincidências. ⁸Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada.

⁹Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhões de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. ¹⁰Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante.

¹¹Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo.

¹²Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei Deus de uma grande delicadeza.

LISPECTOR, Clarice. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Organização e introdução. *As cem melhores crônicas brasileiras*.

(Uece 2015) Observe a ocorrência, no texto, de marcadores temporais: “Até que” (ref. 5), “Até que” (ref. 11) e “um dia (uma folha me bateu nos cílios)” (ref. 12). Geralmente esses marcadores, chamados de adjuntos adverbiais, aparecem com mais de um valor semântico. Atente para o que é dito sobre esses marcadores.

- I. O da referência 5 tem valor semântico de tempo e de consequência.
- II. O da referência 11 é puramente temporal.
- III. O da referência 12 acrescenta o valor semântico de tempo ao de condição.

É correto o que se diz em

- a) I e II apenas.
- b) I, II e III.
- c) I e III apenas.
- d) II e III apenas.

Exercício 18

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A literatura da era digit@l

A internet tem sido um veículo de extrema importância para a divulgação dos escritores das novas gerações, ⁴ assim como dos autores de épocas em que os únicos meios de acesso à leitura eram o livro e os jornais. Hoje, com todo o advento da tecnologia, os leitores de diversas faixas etárias e de qualquer parte do mundo podem acessar e fazer o *download* gratuito de uma infinidade de livros, usando o site de buscas Google.

¹³ Pesquisas recentes indicam que o número de obras literárias de poesia e ficção tem crescido consideravelmente dentro do espaço cibernético nos últimos anos. ⁹ Vários escritores têm preferido publicar seus textos ou livros virtualmente a ter que enfrentar os critérios e a seleção, muitas vezes injusta, das editoras.

¹² Portanto, a internet tem se tornado um espaço facilitador que acaba por redimensionar a literatura em todo o mundo.

O espaço cibernético proporcionou também a aproximação do escritor com seu leitor. ¹⁰ Há menos de quinze anos, o escritor era um completo desconhecido. Comprávamos um livro e o líamos sem grandes possibilidades de contato com o autor. Hoje, ao lermos um livro impresso ou digitalizado, podemos encontrar *sites* e *blogs* que trazem mais informações sobre o autor e seus processos de escrita, entrevistas, curiosidades sobre personagens e todo tipo de informação que puder advir da obra em questão. Vários desses endereços virtuais disponibilizam ³ até mesmo o e-mail do autor, de forma que seus leitores podem estabelecer contato com ele através de mensagens que muitas vezes são respondidas num tom cordial.

O escritor atual está mais próximo de seu leitor. A geração literária brasileira que vem se destacando no mercado editorial da última década, como Luís Ruffato, Cíntia Mosovich, Marcelino Freire, Santiago Nazarian, Daniel Galera, Simone Campos, Nélsom

de Oliveira, e muitos outros, tem permitido que o leitor possa ingressar no “mundo do autor” e conhecer o dia a dia do escritor através de seus *blogs* e *sites*. ⁵ Além disso, há *sites* e portais especializados em literatura, como o Portal Literal, Literatura e Arte, Cronópios, Rascunho, Releituras e outros, repletos de informações sobre literatura e entrevistas com uma ampla variedade de autores.

⁶ Nos dias atuais, não basta publicar a obra, é preciso também publicar o autor. E grande parte dessa acessibilidade à figura do escritor tem sido proporcionada pela internet.

(...)

Muitos questionamentos acerca da resistência dos livros em relação à internet são constantemente elaborados, tanto por leitores comuns quanto por especialistas de várias áreas. O que já sabemos é que ¹ mesmo com o desaparecimento do livro sendo alardeado há muitos anos, desde que obras digitalizadas começaram a aparecer na internet, as obras impressas não sumiram das editoras nem das livrarias. ¹¹ Pelo contrário, o número de editoras tem crescido consideravelmente no Brasil.

As vantagens que o advento da internet ofereceu ao ressurgimento dos livros nessa era de tecnologia e modernização não são poucas. Contudo, não podemos afirmar que se lê menos hoje do que há décadas. É possível que se leia de forma diferente. Agora há mais informações, textos mais diversificados, o leitor pode escolher e selecionar o que realmente quer ler. Claro que há aqueles que não dispensam os livros, as páginas, o cheiro, a história no papel impresso. ⁸ Não podemos negar que é excitante possuir um livro nas mãos e lê-lo. ⁷ Mas também, ² por outro lado, não podemos duvidar que a internet nos possibilita a leitura de livros que não poderiam chegar às nossas mãos a não ser por ela.

(Revista Conhecimento Prático. Março/2010.p.24-28.)

(G1 - epcar (Cpcar) 2011) Leia com atenção o fragmento a seguir.

“Pesquisas recentes indicam que o número de obras literárias de poesia e ficção tem crescido consideravelmente dentro do espaço cibernético nos últimos anos.” (ref. 13)

Sobre esse fragmento, só **não** se pode afirmar que

- a) há duas orações e uma frase..
- b) ocorrem três circunstâncias adverbiais.
- c) trata-se de um período composto por coordenação e subordinação.
- d) há uma conjunção integrante.

Exercício 19

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I

OS QUE COMEÇAM...

Não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro

próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicidade malandra. Nada mais pavoroso do que este meio em que há adolescentes de dezoito anos e pirralhos de três, garotos amarelos de um lustro de idade e moçoilas púberes sujeitas a todas as passividades. Essa criançada parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala. Há no Rio um número considerável de pobrezinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punguistas sem proteção, paralíticos, amputados, escrofulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de famílias necessitadas, simples vagabundos à espera de complacências escabrosas, um mundo vário, o olhar de crime, o broto das árvores que irão obumbrar as galerias da Detenção, todo um exército de desbriados e de bandidos, de prostitutas futuras, galopando pela cidade à cata do pão para os exploradores. Interrogados, mentem a princípio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, contando que são o sustento de uma súcia de criminosos que a polícia não persegue. A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de polícia e acompanha o movimento da política indígena, opositorista e vendo em cada homem importante uma roubalheira. São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço.

A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade, a indolência e o sustento garantidos.

À beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto se torna insustentável vão para outros, e há entre eles relações, morfeias que se ligam às úlceras, olhos em pus que olham com ternura companheiros sem braços, e todos guardando a data do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova vida com a saudade da vida passada.

(RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987.)

TEXTO II

CIDADE DE DEUS

Barracos de caixas de tomate, madeiras de lei, carnaúba, pinho-de-riga, caibros cobertos, em geral, por telhas de zinco ou folhas de compensados. Fogueiras servindo de fogão para fazer o mocotó, a feijoada, o cozido, o vatapá, mas, na maioria das vezes, para fazer aquele arroz de terceira grudado, angu duro ou muito ralo, aqueles carurus catados no mato, mal lavados, ou simplesmente nada. Apenas olhares carcomidos pela fome, em frente aos barracos, num desespero absoluto e que por ser absoluto é calado. Sem fogueira para esquentar ou iluminar como o sol, que se estendia por caminhos muitas vezes sem sentido algum para os que não soltavam pipas, não brincavam de pique-pegas e não se escondiam num pique-esconde.

Os abismos têm várias faces e encantam, atraem para o seu seio como as histórias em quadrinhos que chegavam ao morro compradas nas feiras da Maia Lacerda e do Rio Comprido, baratas como a tripa de porco que sobrava na casa do compadre maneiro que nem sempre era compadre de batismo. Era apenas o adjetivo, usado como substantivo, sinônimo de uma boa amizade, de um

relacionamento que era tecido por favores, empréstimos impagáveis e consideração até na hora da morte.

São as pessoas nesse desespero absoluto que a polícia procura, espanca com seus cassetetes possíveis e sua razão impossível, fazendo com que elas, com seus olhares carcomidos pela fome, achem plausíveis os feitos e os passos de Pequeno e de sua quadrilha pelos becos que, por terem só uma entrada, se tornam becos sem saídas, e achem, também, corriqueira essa visão de meia cara na quina do último barraco de cada beco de crianças negras ou filhas de nordestinos, de peito sem proteção, pé no chão, shorts rasgados e olhar já cabreiro até para o próprio amigo, que, por sua vez, se tornava inimigo na disputa de um pedaço de sebo de boi achado no lixo e que aumentaria o volume da sopa, de um sanduíche quase perfeito nas imediações de uma lanchonete, de uma pipa voada, ou de um ganso dado numa partida de bola de gude.

Lá ia Pequeno, senhor de seu desejo, tratando bem a quem o tratava bem, tratando mal a quem o tratava mal e tratar mal era dar tiros de oitão na cabeça para estuporar os miolos.

Os exterminadores pararam na tendinha do Zé Gordo para tomar uma Antártica bem gelada, porque esta era a cerveja de malandro beber. Pequeno aproveitou para perguntar pelos amigos que fizera no morro, pelas tias que faziam um mocotó saboroso nos sábados à tarde, pelos compositores da escola.

- Qualé, Zé Gordo, se eu te der um dinheiro, tua mulher faz um mocotó aí pra gente?

- Então, meu cumpádi!

Pequeno deu a quantia determinada pela esposa de Zé Gordo, em seguida retornaram à patrulha que faziam.

(LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

(UERJ 2004) Em "Interrogados, mentem a princípio, negando;" (texto I) o particípio e o gerúndio assinalam circunstâncias adverbiais do fato expresso em "mentem".

A circunstância denotada pelo particípio e a indicada pelo gerúndio significam respectivamente:

a) tempo e modo

b) causa e proporção

c) concessão e finalidade

d) comparação e consequência

Exercício 20

(FGV 2003) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

- Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.
- Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.
- Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma. Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, consequência.

b) Tempo, causa, finalidade.

c) Consequência, concessão, finalidade.

d) Tempo, causa, condição.

e) Condição, finalidade, tempo.

Exercício 21

(Mackenzie 1996) CONFORME DECLAREI, Madalena possuía um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura QUE ME SENSIBILIZARAM. E, COMO SABEM, não sou homem de sensibilidades. É certo QUE TENHO EXPERIMENTADO MUDANÇAS NESTES DOIS ÚLTIMOS ANOS. MAS ISTO PASSA.
(Graciliano Ramos)

Aponte a alternativa correta sobre a classificação das orações destacadas em maiúsculo desse parágrafo e seus respectivos efeitos de sentido.

a) "Conforme declarei" e "como sabem" são orações subordinadas adverbiais conformativas, que servem para o autor dialogar com o leitor.

b) "Como sabem" é uma oração subordinada substantiva objetiva direta que aponta para o objeto do saber do narrador.

c) "Que me sensibilizaram" é uma oração subordinada substantiva objetiva direta, que aponta para o objeto da descoberta do narrador.

d) "Que tenho experimentado mudanças nestes dois últimos anos" é uma oração subordinada substantiva subjetiva, que aponta para a involução do narrador em termos de aquisição de sensibilidade.

e) "Mas isto passa" é uma oração coordenada sindética adversativa, cortada do período a que pertence, para demonstrar a dureza do narrador ao constatar que as ternuras de Madalena, que tanto o sensibilizaram, iriam passar.

Exercício 22

(G1 1996) No texto:

"Caso não criemos novas destinações para o lixo urbano e não modifiquemos nossos hábitos de consumo e nossas atitudes frente ao problema do lixo, teremos, dentro de bem pouco tempo, uma situação verdadeiramente caótica na Grande São Paulo" encontram-se:

a) 3 orações, sendo a primeira subordinada causal, a segunda coordenada aditiva e a terceira principal;

b) 5 orações, sendo a primeira subordinada adverbial, a segunda e terceira aditivas, a quarta oração principal e a quinta oração subordinada adverbial temporal;

c) 3 orações sendo as duas primeiras subordinadas adverbiais condicionais, coordenadas entre si, e a última, oração principal;

d) apenas duas orações, uma principal e uma subordinada adverbial causal;

e) todas as alternativas estão erradas.

Exercício 23

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando".

¹Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos _____i_____ espertezas alheias que se descontraiem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, ²o bobo é um Dostoiévski.

_____ii_____ desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para _____iii_____ compra de um ar refrigerado de segunda mão: ³ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?".

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz. O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. ⁴Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. ⁵Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais _____iv_____ pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só ⁶o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. *Das vantagens de ser bobo*. Disponível em:
<http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>.

Acesso em 10 de maio de 2017.

Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.

8. (Ime 2018) Observe os conectivos destacados no trecho abaixo, retirado do texto. Assinale a opção em que a análise semântica está de acordo com a que foi estabelecida no texto.

(...) ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso **porque** se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo **sequer**. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava **tão** estragado **que** o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e **portanto** estar tranquilo, **enquanto** o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu (referência 3).

a) O conectivo **porque** estabelece uma relação de consequência.

b) O advérbio **sequer** introduz uma ideia de exceção.

c) A expressão **tão... que** estabelece uma relação de causa.

d) O conectivo **portanto** estabelece uma ideia de finalidade.

e) O conectivo **enquanto** estabelece ideia de comparação.

Exercício 24

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

Viagens, cofres mágicos com promessas sonhadoras, não mais ⁵revelareis ⁶vossos tesouros intactos! Hoje, quando ilhas polinésias afogadas em concreto se transformam em porta-aviões ancorados nos mares do Sul, quando as favelas corroem a África, quando a aviação ⁹avilta a floresta americana antes mesmo de poder ⁷destruir-lhe a virgindade, de que modo poderia a pretensa ¹⁰evasão da viagem conseguir outra coisa que não ¹⁴confrontar-nos ¹⁵com as formas mais miseráveis de nossa existência histórica? ¹⁸Ainda ²²assim, compreendo a paixão, a loucura, o equívoco das narrativas de viagem. Elas ¹⁶criam a ilusão daquilo ¹_____ não existe mais, mas ²_____ ainda deveria existir. Trariam nossos modernos Marcos Polos, das mesmas terras distantes, desta vez em forma de fotografias e relatos, as especiarias morais ³_____ nossa sociedade experimenta uma necessidade aguda ao se sentir ¹¹soçobrar no tédio? É assim que me identifico, viajante procurando em vão reconstituir o exotismo com o auxílio de fragmentos e de destroços. ¹⁹Então, ²⁶insidiosamente, a ilusão começa a tecer suas armadilhas. Gostaria de ter vivido no tempo das verdadeiras viagens, quando um espetáculo ainda não estragado, contaminado e maldito se

oferecia em todo o seu esplendor. ²⁰Uma vez ¹²encetado, o jogo de conjecturas não tem mais fim: quando se deveria visitar a Índia, em que época o estudo dos selvagens brasileiros poderia levar a conhecê-los na forma menos alterada? Teria sido melhor chegar ao Rio no século XVIII? Cada década para ²³trás ²⁹permite ²⁷salvar um costume, ²⁸ganhar uma festa, ¹⁷partilhar uma crença suplementar.

²¹Mas conheço bem demais os textos do passado para não saber que, me privando de um século, renuncio a perguntas dignas de enriquecer minha reflexão. E eis, diante de mim, o círculo intransponível: quanto menos as culturas tinham condições de se comunicar entre si, menos também os emissários ⁸respectivos eram capazes de perceber a riqueza e o significado da diversidade. No final das contas, sou prisioneiro de uma ³²alternativa: ³⁰ora viajante antigo, confrontado com um prodigioso espetáculo do qual quase tudo lhe escapava ²⁴— ainda pior, inspirava troça ou desprezo ²⁵—, ³¹ora viajante moderno, correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida. Nessas duas situações, sou perdedor, pois eu, que me lamento diante das sombras, talvez seja impermeável ao verdadeiro espetáculo que está tomando forma neste instante, mas ⁴_____ observação, meu grau de humanidade ainda ¹³carece da sensibilidade necessária. ³³Dentro de alguma centena de anos, neste mesmo lugar, outro viajante pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e que me escapou.

Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 38-44.

(Ufrgs 2015) Considere as seguintes afirmações acerca de expressões e trechos do texto.

- I. O emprego do advérbio **insidiosamente** (ref. 26) enfatiza o caráter enganador das ilusões a que se refere o texto naquela passagem.
- II. Os segmentos iniciados pelas formas verbais **salvar** (ref. 27) **ganhar** (ref. 28) e **partilhar** (ref. 17) estão em paralelismo sintático que indica serem, os três, complementos de **permite** (ref. 29).
- III. O emprego de **ora ... ora** (refs. 30 e 31) está relacionado ao sentido da palavra **alternativa** (ref. 32).

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

Exercício 25

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

Viagens, cofres mágicos com promessas sonhadoras, não mais ⁵revelarei ⁶vossos tesouros intactos! Hoje, quando ilhas polinésias afogadas em concreto se transformam em porta-aviões ancorados nos mares do Sul, quando as favelas corroem a África, quando a aviação ⁹avilta a floresta americana antes mesmo de poder ⁷destruir-lhe a virgindade, de que modo poderia a pretensa ¹⁰evasão da viagem conseguir outra coisa que não ¹⁴confrontar-nos ¹⁵com as formas mais miseráveis de nossa existência histórica?

¹⁸Ainda ²²assim, compreendo a paixão, a loucura, o equívoco das narrativas de viagem. Elas ¹⁶criam a ilusão daquilo ¹_____ não existe mais, mas ²_____ ainda deveria existir. Trariam nossos modernos Marcos Polos, das mesmas terras distantes, desta vez em forma de fotografias e relatos, as especiarias morais ³_____ nossa sociedade experimenta uma necessidade aguda ao se sentir ¹¹soçobrar no tédio? É assim que me identifico, viajante procurando em vão reconstituir o exotismo com o auxílio de fragmentos e de destroços. ¹⁹Então, ²⁶insidiosamente, a ilusão começa a tecer suas armadilhas. Gostaria de ter vivido no tempo das verdadeiras viagens, quando um espetáculo ainda não estragado, contaminado e maldito se oferecia em todo o seu esplendor. ²⁰Uma vez ¹²encetado, o jogo de conjecturas não tem mais fim: quando se deveria visitar a Índia, em que época o estudo dos selvagens brasileiros poderia levar a conhecê-los na forma menos alterada? Teria sido melhor chegar ao Rio no século XVIII? Cada década para ²³trás ²⁹permite ²⁷salvar um costume, ²⁸ganhar uma festa, ¹⁷partilhar uma crença suplementar.

²¹Mas conheço bem demais os textos do passado para não saber que, me privando de um século, renuncio a perguntas dignas de enriquecer minha reflexão. E eis, diante de mim, o círculo intransponível: quanto menos as culturas tinham condições de se comunicar entre si, menos também os emissários ⁸respectivos eram capazes de perceber a riqueza e o significado da diversidade. No final das contas, sou prisioneiro de uma ³²alternativa: ³⁰ora viajante antigo, confrontado com um prodigioso espetáculo do qual quase tudo lhe escapava ²⁴_____ ainda pior, inspirava troça ou desprezo ²⁵_____, ³¹ora viajante moderno, correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida. Nessas duas situações, sou perdedor, pois eu, que me lamento diante das sombras, talvez seja impermeável ao verdadeiro espetáculo que está tomando forma neste instante, mas ⁴_____ observação, meu grau de humanidade ainda ¹³carece da sensibilidade necessária. ³³Dentro de alguma centena de anos, neste mesmo lugar, outro viajante pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e que me escapou.

Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 38-44.

(Ufrgs 2015) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo, referentes às substituições de nexos no texto.

() A substituição da locução **Ainda assim** (ref. 18) pelo nexos **Destarte** preservaria a relação de sentido que se estabelece entre

essa frase e o parágrafo anterior.

() O advérbio **Então** (ref. 19) poderia ser substituído por **Não obstante**, preservando o sentido e a correção, sem qualquer outra alteração na frase.

() O segmento **Uma vez encetado** (ref. 20) poderia ser substituído por **Quando fosse encetado**, preservando o sentido e a correção, sem qualquer outra alteração na frase.

() A substituição de **Mas** (ref. 21) pela conjunção **Contudo** preservaria a correção e a relação de contraste estabelecida na frase.

A alternativa que preenche corretamente os parênteses, de cima para baixo, é

a) F - V - V - V.

b) V - V - F - F.

c) V - F - F - F.

d) F - F - F - V.

e) F - F - V - V.

Exercício 26

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A Internet e a neutralidade da rede

A Internet vista, unanimemente, como o território livre, a tecnologia libertadora que, em muitos países, permitiu o florescimento da cidadania, a ampliação das oportunidades de educação, o ambiente para novas empresas e novos empreendedores, para o trabalho colaborativo em rede.

Graças a seu ambiente libertário, internacionalmente ajudou a derrubar ditaduras e monopólios de mídia, o controle da informação, tanto por governos como por cartéis.

¹No entanto, não se considere um modelo consolidado. Em outros momentos da história surgiram novas tecnologias, promovendo rupturas, abrindo espaço para a democratização e, no momento seguinte, quedaram dominadas por novos cartéis e monopólios que se formaram.

²Foi assim com o início da telefonia. Enquanto a Bell Co se consolidava, como grande companhia nacional, surgiram inúmeras experiências locais, como a Mesa Telephone, para localidades rurais norte-americanas, de tecnologia rudimentar porém útil para ligar comunidades agrícolas.

³Nasceram centenas de outras companhias por todo o país. Esse mesmo modelo disseminou-se pelo Brasil dos anos 40 em diante, com companhias municipais levando o telefone a cidades menores, em um surto de pioneirismo extraordinário.

Nos Estados Unidos, o movimento dos "independentes" permitiu às comunidades rurais estreitar laços, criar amizades, sistemas de informação, da mesma maneira que as redes sociais de agora. Através do telefone desenvolveram noticiários sobre o clima, sobre a região, relatórios de mercado etc.

Os "independentes" chegaram a ter 3 milhões de aparelhos, contra 2,5 milhões da Bell.

Com a ajuda do J.P.Morgan, o mais influente banco da época, a Bell reestruturou-se em torno da AT&T.

Em vez de declarar guerra aos "independentes", a nova direção propôs um trabalho conjunto, facilitando para eles as ligações de longa distância, desde que trocassem seus sistemas rústicos pelos padrões Bell. Quem não aderisse, não teria ligações de longa distância.

Como resultado, a AT&T matou a concorrência dos "independentes" e construiu o mais longo e poderoso monopólio da história, só desmembrado na década de 1980.

O mesmo processo de concentração se repetiu no rádio.

No início, o rádio tornou-se uma ferramenta tão democrática e disseminada quanto a Internet. Não havia controle e qualquer pessoa, adquirindo um kit de rádio, montava sua estação sem fio.

Em 1921 havia 525 estatais transmissoras nos Estados Unidos. Até o final de 1924, mais de 2 milhões de aparelhos de rádio. Segundo Tim Wu, autor do importante "Impérios da Comunicação", antes da Internet os rádios foram a maior mídia aberta do século.

⁴Repetiu-se o mesmo processo do telefone. À medida que aumentava o público e criava escala, o mercado libertário era enquadrado pelo poder público e a ocupação do espaço entregue a grupos particulares.

Hoje em dia, as concessões de rádio se tornaram ativos de empresas privadas, as rádios comunitárias são criminalizadas e o exercício pessoal se restringe aos rádios amadores.

Esse é o desafio atual da Internet. Se não for garantida a neutralidade da rede - isto é, o direito de qualquer site ou pessoa de ter acesso à rede, sem privilégios - em breve o grande sonho libertário da Internet terá o mesmo destino do telefone e do rádio.

Luís Nassif. Coluna Econômica. 07/09/2013.

(Uece 2015) Os parágrafos do texto têm um alto grau de coesão. Assinale a afirmação FALSA em relação ao mecanismo coesivo.

a) Entre os parágrafos 1 e 2, a coesão é feita só com a progressão das ideias do parágrafo 1, sem nenhum elo linguístico.

b) Entre os parágrafos 2 e 3, a coesão é feita pela conjunção adversativa “no entanto” (que opõe o que vai ser dito no parágrafo 3 ao que foi dito nos parágrafos 1 e 2) e pela retomada do que foi dito nos parágrafos 1 e 2, que o articulista resumiu em “um modelo consolidado”.

c) Entre os parágrafos 3 e 4, a coesão é feita pelo advérbio “assim” que aponta retroativamente para o que foi dito nos parágrafos 1, 2 e 3.

d) Entre os parágrafos 10 e 11, faz-se a coesão por meio da expressão "o mesmo processo de concentração" e liga-se não só ao parágrafo imediatamente anterior (parágrafo 10), mas a tudo que foi dito antes, entre o 3º e o 10º parágrafos.

Exercício 27

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
TEXTO

⁵As pessoas que falam uma língua estrangeira sem sotaque são geralmente as que aprenderam o idioma estrangeiro na infância, juntamente com a língua materna. Nesses ¹verdadeiros bilíngues, de alto desempenho, a mesma região do cérebro que produz a fala é compartilhada pela representação dos dois idiomas, ²enquanto nas pessoas que aprendem a segunda língua, na vida adulta, duas regiões vizinhas, separadas, cuidam cada uma de um idioma. A representação conjunta ⁴talvez explique a maior facilidade dos bilíngues verdadeiros em transitar ⁶entre os dois idiomas, ³já que as mesmas redes neurais de associação devem ser acionadas por um idioma e outro.

Adaptado de Suzana Herculano-Houzel

(Mackenzie 2009) Assinale a alternativa CORRETA.

a) "enquanto" (ref. 2) denota temporalidade e pode ser substituído, sem alteração do sentido original do texto, por "sempre que".

b) "já que" (ref. 3) apresenta o mesmo valor semântico observado na expressão destacada em "Ele sairá cedo, PARA QUE possa voltar depois".

c) Considerando a correção gramatical, o uso do advérbio "talvez" (ref. 4) implica o uso do modo verbal subjuntivo ("explique").

d) Em "As pessoas que falam" (ref. 5), o "que" exerce a mesma função e expressa o mesmo valor que em "Eu sei QUE você conhece".

e) É possível alterar, sem prejuízo do sentido original do texto, "entre" (ref. 6) por "dentre", uma vez que as preposições denotam o mesmo sentido.

Exercício 28

(Acafe 2021) Leia as frases a seguir e analise as relações de significado expressas pelas orações destacadas.

I. *A fim de obter melhores resultados, a mãe do menino decidiu contratar uma professora particular.*

II. *Os agricultores terão enormes prejuízos se não chover nos próximos dias.*

III. *Assim que os portões foram abertos, a multidão entrou no estádio.*

IV. *À medida que se aproximava o dia da festa, a tensão entre os membros da comissão foi aumentando.*

V. *Não conseguiu chegar a tempo para a reunião de negócios porque o voo atrasou em São Paulo.*

De cima para baixo, as relações de significado expressas pelas orações destacadas são de:

a) concessão - finalidade - tempo - causa - proporção

b) finalidade - causa - consequência - concessão - tempo

c) finalidade - condição - tempo - proporção - causa

d) proporção - comparação - causa - finalidade - consequência

Exercício 29

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que

é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburí ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburí ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburí e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contento da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

(Efomm 2021) Assinale a opção em que se encontra um período composto por coordenação e por subordinação.

a) “Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes,

estava um burro deitado.”

b) “Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando.”

c) “Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso.”

d) “Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa.”

e) “Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo [...]”

Exercício 30

(Efomm 2021) “Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso.”

Assinale a opção em que a oração reduzida **DESFAZ** o sentido de oposição do período acima.

a) Malgrado vasculhar a consciência, não acho pecado que mereça remorso.

b) Mesmo vasculhando a consciência, não acho pecado que mereça remorso.

c) Em vasculhando a consciência, não acho pecado que mereça remorso.

d) A despeito de vasculhar a consciência, não acho pecado que mereça remorso.

e) Não obstante vasculhar a consciência, não acho pecado que mereça remorso.

Exercício 31

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir e responda à(s) questão(ões).

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aqueles índios. Faz mais de um século e meio. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade.

“(…) De uma coisa sabemos, que o homem branco ¹talvez venha a um dia descobrir: ²o nosso Deus é o mesmo Deus. ³Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador. O homem branco também vai desaparecer, ⁴talvez mais depressa do que as outras raças. ⁵Continua sujando a sua própria cama e há de morrer, uma noite, sufocado nos seus próprios dejetos. Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, ⁶quando as matas misteriosas federem à

gente, quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam, onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha da torre e à caça; ⁷o fim da vida e o começo da luta pela sobrevivência. (...) ⁸Talvez compreendêssemos com que sonha o homem branco se soubêssemos quais as esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais visões do futuro oferecem para que possam ser formados os desejos do dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos temos que escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos na venda é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias como desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, ⁹porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. ¹⁰Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça como era a terra quando dela tomou posse. E com toda a sua força, o seu poder, e todo o seu coração, ¹¹conserva-a para os seus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum.”

www.culturabrasil.pro.br/seattle1.htm. Acesso em 16/04/2016.

(G1 - epcar (Cpcar) 2017) Assinale a opção que contém uma análise correta dos períodos abaixo.

a) “O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças.” – Período composto, no qual se verifica que há entre a oração principal e a subordinada uma relação de comparação.

b) “De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha a um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus.” – Período composto por subordinação, no qual identificamos duas orações substantivas apositivas.

c) “Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador.” – Período simples, constituído por objeto direto, verbo de ligação e complementos nominais.

d) “Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos.” – Período composto por uma oração principal, intermediada, respectivamente, por uma condicional e outra conformativa.

Exercício 32

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Como prevenir a violência dos adolescentes

“(…) Quando deparo com as notícias sobre crimes hediondos envolvendo adolescentes, como o ocorrido com Felipe Silva Caffé e Liana Friedenbach, fico profundamente triste e constrangida. Esse caso é consequência da baixa valorização da prevenção primária da violência por meio das estratégias cientificamente comprovadas, facilmente replicáveis e

definitivamente muito mais baratas do que a recuperação de crianças e adolescentes que cometem atos infracionais graves contra a vida.

Talvez seja porque a maioria da população não se deu conta e os que estão no poder nos três níveis não estejam conscientes de seu papel histórico e de sua responsabilidade legal de cuidar do que tem de mais importante à nação: as crianças e os adolescentes, que são o futuro do país e do mundo.

A construção da paz e a prevenção da violência dependem de como promovemos o desenvolvimento físico, social, mental, espiritual e cognitivo das nossas crianças e adolescentes, dentro do seu contexto familiar e comunitário. Trata-se, portanto, de uma ação intersetorial, realizada de maneira sincronizada em cada comunidade, com a participação das famílias, mesmo que estejam incompletas ou desestruturadas (...)"

"(...) Em relação às crianças e adolescentes que cometeram infrações leves ou moderadas – que deveriam ser mais bem expressas – seu tratamento para a cidadania deveria ser feito com instrumentos bem elaborados e colocados em prática, na família ou próxima dela, com acompanhamento multiprofissional, desobstruindo as penitenciárias, verdadeiras universidades do crime. (...)”

"(...) A prevenção primária da violência inicia-se com a construção de um tecido social saudável e promissor, que começa antes do nascer, com um bom pré-natal, parto de qualidade, aleitamento materno exclusivo até seis meses e o complemento até mais de um ano, vacinação, vigilância nutricional, educação infantil, principalmente propiciando o desenvolvimento e o respeito à fala da criança, o canto, a oração, o brincar, o andar, o jogar; uma educação para a paz e a nãoviolência.

A pastoral da criança, que em 2003 completa 20 anos, forma redes de ação para multiplicar o saber e a solidariedade junto às famílias pobres do país, por meio de mais de 230 mil voluntários, e acompanhou no terceiro trimestre deste ano cerca de 1,7 milhão de crianças menores de seis anos e 80 mil gestantes, de mais de 1,2 milhão de famílias, que moram em 34.784 comunidades de 3.696 municípios do país.

O Brasil é o país que mais reduziu a mortalidade infantil nos últimos dez anos; isso, sem dúvida, é resultado da organização e universalização dos serviços de saúde pública, da melhoria da atenção primária, com todas as limitações que o SUS possa ainda possuir, da descentralização e municipalização dos recursos e dos serviços de saúde. A intensa luta contra a mortalidade infantil, a desnutrição e a violência intrafamiliar contou com a contribuição dessa enorme rede de solidariedade da Pastoral da Criança. (...)”

"(...) A segunda área da maior importância nessa prevenção primária da violência envolvendo crianças e adolescentes é a educação, a começar pelas creches, escolas infantis e de educação fundamental e de nível médio, que devem valorizar o desenvolvimento do raciocínio e a matemática, a música, a arte, o esporte e a prática da solidariedade humana.

As escolas nas comunidades mais pobres deveriam ter dois turnos, para darem conta da educação integral das crianças e dos adolescentes; deveriam dispor de equipes multiprofissionais atualizadas e capacitadas a avaliar periodicamente os alunos. Urgente é incorporar os ministérios do Esporte e da Cultura às iniciativas da educação, com atividades em larga escala e simples,

baratas, facilmente replicáveis e adaptáveis em todo o território nacional. (...)”

"(...) Com relação à idade mínima para a maioridade penal, deve permanecer em 18 anos, prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e conforme orientações da ONU. Mas o tempo máximo de três anos de reclusão em regime fechado, quando a criança ou o adolescente comete crime hediondo, mesmo em locais apropriados e com tratamento multiprofissional, que urgentemente precisam ser disponibilizados, deve ser revisto. Três anos, em muitos casos, podem ser absolutamente insuficientes para tratar e preparar os adolescentes com graves distúrbios para a convivência cidadã. (...)”

Zilda Arns Neumann, 69, médica pediatra e sanitarista; foi fundadora e coordenadora nacional da Pastoral da Criança. (*Folha de S Paulo*, 26/11/2003.)

(G1 - ifal 2011) No período: “Urgente é incorporar os ministérios do Esporte e da Cultura às iniciativas da educação...” (9º parágrafo), temos, respectivamente.

a) uma relação de coordenação, com orações coordenadas assindética e sindética, respectivamente.

b) uma relação de subordinação, com orações coordenadas.

c) orações subordinadas, sendo uma principal e outra subordinada substantiva.

d) orações subordinadas substantivas completivas nominais.

e) orações subordinadas, sendo uma principal, outra subordinada adverbial.

Exercício 33

(S1 - ifce 2020) Apresenta uma oração subordinada substantiva predicativa o item

a) João esperou para que você não fosse sozinho.

b) Queremos que você se saia bem na prova.

c) Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.

d) O ideal é que nós sejamos amigos.

e) Não consegui falar com meu amigo que mora em Portugal.

Exercício 34

(G1 - ifce 2016) No período “É importante que ele não falte à reunião”, a oração sublinhada é

a) subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva objetiva indireta.

c) subordinada substantiva subjetiva.

d) coordenada assindética.

e) subordinada substantiva predicativa.

Exercício 35

(Espcex (Aman) 2013) Assinale a alternativa correta quanto à classificação sintática das orações grifadas abaixo, respectivamente.

- Acredita-se que a banana faz bem à saúde.
- Ofereceram a viagem a quem venceu o concurso.
- Impediram o fiscal de que recebesse a propina combinada.
- Os patrocinadores tinham a convicção de que os lucros seriam compensadores.

- a) subjetiva – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal
- b) subjetiva – objetiva indireta – completiva nominal – completiva nominal
- c) adjetiva – completiva nominal – objetiva indireta – objetiva indireta
- d) objetiva direta – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal
- e) subjetiva - completiva nominal - objetiva indireta - objetiva indireta

Exercício 36

(Espcex (Aman) 2017) Em “A velha disse-lhe que descansasse”, do conto *Noite de Almirante*, de Machado de Assis, a oração grifada é uma subordinada

- a) substantiva objetiva indireta.
- b) adverbial final.
- c) adverbial conformativa.
- d) adjetiva restritiva.
- e) substantiva objetiva direta.

Exercício 37

(Espcex (Aman) 2016) No período “Ninguém sabe *como ela aceitará a proposta*”, a oração grifada é uma subordinada

- a) adverbial comparativa.
- b) substantiva completiva nominal.
- c) substantiva objetiva direta.
- d) adverbial modal.
- e) adverbial causal.

Exercício 38

(Eear 2019) Marque a alternativa que apresenta correta classificação da oração apresentada.

a) O professor verificou se as alternativas estavam em ordem. (Oração Subordinada Substantiva Predicativa)

b) Lembre-se de que tudo não passou de um engano. (Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal)

c) O sargento indagou de quem era aquela identidade. (Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta)

d) Seu medo era que ele fosse reprovado no concurso. (Oração Subordinada Substantiva Predicativa)

Exercício 39

(Eear 2019) Assinale a alternativa em que a oração em destaque é subordinada substantiva objetiva indireta.

- a) Aqui ninguém se opõe **a que se conheça o sistema**.
- b) Seu medo era **que morresse na data da festa**.
- c) Nunca se sabe **quem está contra nós**.
- d) Perguntei-lhe **quando voltaria**.

Exercício 40

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o fragmento do romance *O Cabeleira*, abaixo, e responda à(s) questão(ões) a seguir.

O Cabeleira entretanto atravessava matos, riachos e tabuleiros por novos caminhos que, infatigável e ousado, ia abrindo, em direitura ao lugar do seu nascimento. Sentia-se atraído para esse lugar por uma saudade infinda, por uma confiança enganosa e fatal. Parecia-lhe que ninguém, nem a justiça dos homens nem a de Deus, na qual desde os mais verdes anos o tinham ensinado a não acreditar, teriam poder para arrancá-lo desses sombrios e protetores esconderijos, dessas grutas insondáveis, perpetuamente abertas às onças e a ele, perpetuamente fechadas ao restante dos animais e dos homens que não se animavam a transpor-lhes o escuro limiar com receio de ficarem sepultados para sempre em tão medonhos sarcófagos. Tendo-se afastado do pé da mata onde haviam sido vencidos e capturados em seus redutos os outros malfeitores, descreveu uma oblíqua de cerca de uma légua no rumo do ocidente e desceu depois a uma distância donde pudesse ter debaixo das vistas o Tapacurá, que lhe servia de guia através do sertão.

(TÁVORA, F. *O Cabeleira*. São Paulo: Martin Claret, 2003. p. 133.)

(Uel 2016) No trecho “com receio de ficarem sepultados para sempre em tão medonhos sarcófagos”, há uma oração reduzida

- a) subordinada adverbial final.
- b) subordinada adverbial temporal.
- c) subordinada substantiva objetiva indireta.

d) subordinada substantiva completiva nominal.

e) subordinada substantiva predicativa.

Exercício 41

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

MAIS QUE ORWELL, HUXLEY PREVIU NOSSO TEMPO

Hélio Gurovitz

Publicado em 1948, o livro 1984, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos (...)¹A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. (...) ²O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia, publicada em 1932: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

³Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (⁴Nos divertindo até morrer), lembrado por seu filho Andrew em artigo recente no The Guardian. “Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história”, escreveu Postman. “Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiriam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. ⁵Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.”

⁶No futuro pintado por Huxley, (...) não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma de jogos esportivos, cinema multissensorial e de uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios selvagens, onde ⁷grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. “O mundo agora é estável”, diz um líder civilizado. “As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; ⁸não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; ⁹não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma.”

¹⁰Para chegar à estabilidade absoluta, foi necessário abrir mão da arte e da ciência. “A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo”, diz o líder. “Cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava.” A verdade é considerada uma ameaça; a ciência e a arte, perigos públicos. Mas não é necessário esforço totalitário para controlá-las. Todos aceitam de bom grado, fazem “qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada” e de sua dose diária

de soma. “Não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade.”

No universo de Orwell, a população é controlada pela dor. No de Huxley, pelo prazer. “Orwell temia que nossa ruína seria causada pelo que odiamos. Huxley, pelo que amamos”, escreve Postman. Só precisa haver censura, diz ele, se os tiranos acreditam que o público sabe a diferença entre discurso sério e entretenimento. (...) O alvo de Postman, em seu tempo, era a televisão, que ele julgava ter imposto uma cultura fragmentada e superficial, incapaz de manter com a verdade a relação reflexiva e racional da palavra impressa. ¹¹O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, tablets e redes sociais se tornariam – bem mais que a TV – o soma contemporâneo. Mas suas palavras foram prescientes: “O que afligia a população em *Admirável mundo novo* não é que estivessem rindo em vez de pensar, mas que não sabiam do que estavam rindo, nem tinham parado de pensar”.

Adaptado, *Revista Época* nº 973 – 13 de fevereiro de 2017, p. 67.

Distopia = Pensamento, filosofia ou processo discursivo caracterizado pelo totalitarismo, autoritarismo e opressivo controle da sociedade, representando a antítese de utopia. (BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011, p. 533).

(Epcar (Afa) 2018) Assinale a alternativa em que a análise dos termos presentes no excerto abaixo está de acordo com o que prescreve a Gramática Normativa da Língua Portuguesa.

“A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo.” (ref. 1)

a) O período é composto por três orações, sendo duas subordinadas e uma coordenada.

b) “... mesmo situada no futuro...” é classificada como oração subordinada adverbial temporal reduzida de participio.

c) “... o stalinismo” é um aposto que se refere ao termo imediato que o antecede – “seu tempo”.

d) As vírgulas servem para isolar a oração subordinada adverbial que está inserida em sua oração principal.

Exercício 42

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

– Mas que ossos tão ¹miudinhos! São de criança?
– Ele disse que eram de adulto. De um anão.
– De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, ²é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos ³um pequeno crânio de uma ³brancura de cal. – Tão perfeito, todos os ⁴dentinhas!
– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui do lado, ⁵só vocês é que vão usar, tenho o

meu lá embaixo. Banho quente, extra. ⁶Telefone, também. ⁷Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha coma garrafa térmica, fechem bem a garrafa – recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. ⁸Soltou uma baforada final: – ⁹Não deixem a porta aberta senão meu gato foge. Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho de seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada. Esvaziei a mala, dependurei a blusa ¹⁰amarrotada num cabide que enfiar num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e ¹¹sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, ¹²desatarraxar ¹³a lâmpada ¹⁴fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. ¹⁵O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do ¹⁶caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra ¹⁷e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam os ovos numa caixa. – Um anão. ¹⁸Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim de semana começo a montar ele.

TELLES, Lygia Fagundes. *Melhores contos / Lygia Fagundes Telles*, seleção de Eduardo Portella. – [13 ed.] – São Paulo: Global, 2015, p.123.

(Udesc 2019) Analise as proposições em relação ao conto “As formigas”, Lygia Fagundes Telles, e ao trecho apresentado, assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa.

- () Na estrutura “um pequeno crânio de uma brancura de cal” (ref. 3) a palavra destacada, quanto ao gênero, é classificada feminina, por referir-se à cor, quando ele se referir ao óxido de cálcio, substância química, ela será classificada masculina.
- () No período “Soltou uma baforada final: Não deixem a porta aberta senão meu gato foge” (ref. 9) a oração destacada, sintaticamente, é classificada subordinada substantiva apositiva, uma vez que está exercendo a função de um aposto para o termo substantivo *final*.
- () Na oração “sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro” (ref. 11) tem-se, quanto à sintaxe, sujeito desinencial/elíptico e, em relação às expressões destacadas, objeto direto, adjunto adnominal e adjunto adverbial, sequencialmente.
- () A oração “a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário” (ref. 13) contribui para a criação de uma atmosfera sombria, nebulosa que é desfeita pela lâmpada de 200 velas – “O quarto ficou mais alegre” (ref. 15).
- () Os adjetivos “fraquíssima” (ref. 14) e “Raríssimo” (ref. 18), quanto à flexão de grau, encontram-se na forma sintética – superlativo absoluto sintético, para estabelecer a relação de simetria entre a luminosidade e o anão.

Assinale a alternativa **correta**, de cima para baixo.

a) V – F – F – V – V

b) V – V – V – V – V

c) F – F – V – V – F

d) F – V – V – V – F

e) F – V – F – V – F

Exercício 43

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

¹Eu tinha nove ou dez anos, e uma tia, que era pintora, me convidara para ir ao seu ateliê para conhecer o local onde ela trabalhava. O pequeno aposento estava frio e tinha um cheiro maravilhoso de terebintina e óleo; as telas armazenadas, apoiadas uma nas outras, me pareciam livros deformados no sonho de alguém que soubesse vagamente o que eram livros e os houvesse imaginado enormes, feitos de uma única página, dura e grossa [...].

Francis Bacon observou que, para os antigos, todas as imagens que o mundo dispõe diante de nós já se acham encerradas em nossa memória desde o nascimento. “Desse modo, Platão tinha a concepção”, escreveu ele, “de que todo conhecimento não passava de recordação; do mesmo modo, Salomão proferiu sua conclusão de que toda novidade não passa de esquecimento”. Se isso for verdade, estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que nos rodeiam, uma vez que elas já são parte daquilo que somos: imagens que criamos e imagens que emolduramos; imagens que compomos fisicamente, à mão, e imagens que se formam espontaneamente na imaginação; imagens de rostos, árvores, prédios, nuvens, paisagens, instrumentos, água, fogo e imagens daquelas imagens – pintadas, esculpidas, encenadas... Quer descubramos nessas imagens circundantes lembranças desbotadas de uma beleza que, em outros tempos, foi nossa (como sugeriu Platão), quer elas exijam de nós uma interpretação nova e original, por meio de todas as possibilidades que nossa linguagem tenha a oferecer, somos essencialmente criaturas de imagens, de figuras.

(MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 19-20.)

(G1 - cmrj 2019) **As orações adjetivas cujo conteúdo é relevante para a identificação da entidade, ser ou objeto a que se refere o antecedente do pronome relativo chamam-se restritivas [...].**

Quando, entretanto, o conteúdo da oração adjetiva não contribui para essa identificação, dizemos que a oração adjetiva é não restritiva (ou explicativa).

(Azeredo, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 1.ed. São Paulo: Publifolha, 2008. p. 319-320.)

Ao longo do texto, observam-se algumas ocorrências de orações adjetivas.

No período “Eu tinha nove ou dez anos, e uma tia, que era pintora, me convidara para ir ao seu ateliê para conhecer o local onde ela trabalhava.” (ref. 1), a oração adjetiva destacada estabelece com o vocábulo “tia” uma relação semântica de

a) conclusão.

- b) comparação.
- c) retificação.
- d) generalização.
- e) caracterização.

Exercício 44

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a letra da música “É você” de Marisa Monte e responda à(s) questão(ões).

É você
Só você
Que na vida vai comigo agora
Nós dois na floresta e no salão
Nada mais
Deita no meu peito e me devora
Na vida só resta seguir
Um risco, um passo, um gesto rio afora
É você
Só você
Que invadiu o centro do espelho
Nós dois na biblioteca e no saguão
Ninguém mais
Deita no meu leito e se demora
Na vida só resta seguir
Um risco, um passo, um gesto rio afora

<<https://tinyurl.com/ycdar4y4>> Acesso em: 13.11.2017.

(G1 - cps 2018) Ao analisarmos a função que as orações destacadas nos exemplos I e II exercem, podemos classificá-las como orações

- I. É você [...] **que na vida vai comigo agora**
- II. É você [...] **que invadiu o centro do espelho**

- a) subordinadas substantivas, pois exercem a função de substantivo.
- b) subordinadas adverbiais, pois exercem a função de advérbio.
- c) subordinadas adjetivas, pois exercem a função de adjetivo.
- d) coordenadas sindéticas, pois exercem a função aditiva.
- e) coordenadas assindéticas, pois exercem a função conclusiva.

Exercício 45

(Eear 2017) Leia:

- I. Todos os brasileiros que desejam ingressar na Força Aérea Brasileira devem gastar longas horas de estudo e dedicação.
- II. Todos os brasileiros, que desejam ingressar na Força Aérea Brasileira, devem gastar longas horas de estudo e dedicação.

Marque a alternativa correta.

- a) A frase I possibilita a conclusão de que todos os brasileiros, indiscriminadamente, desejam ingressar na Força Aérea Brasileira.
- b) As frases I e II estão em desconformidade com as normas gramaticais vigentes em relação às Orações Subordinadas Adjetivas.
- c) A frase I, por conter Oração Subordinada Adjetiva Restritiva, não apresenta vírgulas. Esse fato está em conformidade com as normas gramaticais vigentes.
- d) A frase II, por conter Oração Subordinada Adjetiva Restritiva, apresenta vírgulas. Esse fato está em conformidade com as normas gramaticais vigentes.

Exercício 46

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O presidente Barack Obama e Hillary Clinton, a secretária de Estado dos Estados Unidos, tiveram de enfrentar uma desagradável surpresa em suas viagens ao México. O jornal mexicano *El Universal*, um dos mais importantes do país, revelou algo até então mantido sob sombras: há um item no orçamento do Pentágono de 2009 consignando verba para ajudar a evitar que o México se torne “território ingovernável”. São 13 milhões de dólares destinados a fortalecer as forças armadas mexicanas. Outro dado importante foi a omissão de ambos diante do argumento do México de que a violência que coloca em risco as instituições nacionais, com a inserção do narcotráfico no poder político, resulta da demanda por drogas por parte do mercado consumidor norte-americano. (...) Há o lado policial, ou de guerra, com os Estados Unidos construindo muros e fortalecendo a repressão em suas linhas de junção com o território mexicano. E há o lado político e econômico: o da imigração. Um homem mexicano de 35 anos, com nove de instrução, pode ganhar 132% a mais trabalhando nos Estados Unidos. (...) Mas o México terá de conformar-se com a redução da sua estatura de aliado preferencial dos Estados Unidos nas Américas. “Bye, bye, México, o Brasil emerge como líder da América Latina”. Essa frase foi escrita por Andrés Oppenheimer, colunista do *Miami Herald*, íntimo da comunidade hispânica e do setor do Departamento de Estado que cuida de questões latino-americanas.

(CARLOS, Newton. Narcotráfico corrói a estabilidade do estado mexicano. *In: Mundo – geografia e política internacional*. Edição 100, ano 17, n. 4, agosto/2009, p. 11. Adaptado)

(Fatec 2010) Há o lado policial, ou de guerra, com os Estados Unidos **construindo** muros e **fortalecendo** a repressão em suas linhas de junção com o território mexicano. E há o lado político e econômico: o da imigração. Um homem mexicano de 35 anos, com nove de instrução, pode ganhar 132% a mais trabalhando nos Estados Unidos.

As orações em cujo interior estão os verbos **construindo** e **fortalecendo**, destacados no trecho do texto, equivalem a

orações subordinadas adjetivas (reduzidas de gerúndio). Assinale a alternativa em que essas orações encontram-se desenvolvidas adequadamente.

a) ... Estados Unidos ainda que construam muros e que fortaleçam a repressão...

b) ... Estados Unidos, onde se constroem muros e se fortalecem a repressão...

c) ... Estados Unidos, que constroem muros e que fortalecem a repressão...

d) ... Estados Unidos logo que constroem muros e fortalecem a repressão...

e) ... Estados Unidos no qual constroem muros que fortalecem a repressão...

Exercício 47

(G1 1996) Classifique as orações adjetivas marcando:

R (restritiva)

E (explicativa)

a) () O garoto PARA QUEM ESCREVEREI A CARTA não me conhece.

b) () O futebol, QUE É UM ESPORTE POPULAR, enlouquece as torcidas.

c) () A dor QUE DISSIMULA dói mais.

d) () Aqui vivem mais de mil pessoas, QUE PASSAM FOME.

e) () A criança CUJO PAI NÃO FOI ENCONTRADO será recolhida pelo juiz.

Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ser como todo mundo?

(Roberto DaMatta*)

Uma palavra resume a crise brasileira: a igualdade. ¹Conforme ²tenho salientado no meu trabalho e nesta coluna, o Brasil não tem problemas com a desigualdade. Ele ³ama de paixão as hierarquias e as gradações ⁴que ⁵estão em toda parte. Em nossas leis ⁶sobram privilégios, penachos, recursos, isenções⁷... Nossa formação nacional teve no escravismo, no patrimonialismo aristocrático e no compadrio das casas-grandes e nos grandes apartamentos dos “bairros nobres” de nossas cidades o seu centro e razão. Não é fácil ser igualitário com essa folha corrida. Sempre ⁸fomos dinamizados ⁹por elos pessoais oficializados e legais. Nosso projeto de vida funda-se no arrumar-se e no “¹⁰subir na vida”. Alcançar o baronato — ser alguém —, “¹¹virar famoso” e, do alto da sua celebração, ter direito a fazer tudo sem ser molestado pelo bando de caretas que, infelizmente, não são como nós.

Saber com certeza quem é quem, ¹²mapear ¹³com precisão genealogias familísticas, poder dizer com um riso superior — “¹⁴conheci Frank Sinatra ¹⁵quando ele morava em Hoboken e era um merdinha”¹⁶, ¹⁷ou, “esse eu conheço!” — confirma a nossa ontologia segundo ¹⁸a qual “conhecer” ou relacionar-se

pessoalmente é um modo de estar num mundo ordenado por ricos e pobres, superiores e inferiores, homens e mulheres, brancos e negros, limpos e sujos. O modo de navegação social confirma um universo ordenado em camadas e é melhor você estar “por cima”.

Nossa questão mais angustiante, o que eventualmente nos tira do sério, não é ¹⁹saber ²⁰que tudo tem um dono, e dele receber ordens. Não²¹! ²²É entrar numa sala ²³onde outras pessoas também aguardam na fila, e todos se olham com uma ofensiva indiferença porque ninguém sabe quem é quem. ²⁴No Brasil, a igualdade é vivida como uma ofensa ou um castigo.

²⁵O anonimato associado à cidadania nos perturba. Para nós, o maior castigo não é a prisão, é saber que somos iguais a todo mundo porque burlamos a lei que foi feita para todos, menos para nós. ²⁶Quando indiciados, viramos vítimas de uma maldosa igualdade republicana! No Brasil lido como Estado nacional, somos todos “cidadãos”. Mas no Brasil relacional da casa e das ²⁷amizades que nos impedem de dizer não, somos todos parentes e amigos. Não somos como todo mundo.

²⁸Saiu ao pai ou ao avô... Merece a nomeação. Ademais, é afilhado do presidente e tem “pinta” e “jeito” de alto funcionário: não vai fazer feio.

A “²⁹aparência”³⁰. ³¹Eis um traço merecedor de um tratado de sociologia. Meu mentor harvardiano, Richard Moneygrand, dizia que a “³²luta das aparências” (e das recomendações e empenhos) é tão ou ³³mais importante do que a ³⁴luta de classes no Brasil... ³⁵— Logo vi que era “³⁶gentinha”...

— Você viu o “jeito” dele (ou dela)? Descobri imediatamente quem era pelo modo como ele (ou ela) se sentou, comeu e falou. ³⁷— Você viu a roupa? Notou o sapato? Atinou para a sujeira das unhas?

³⁸— Eu até que tolero a pobreza, mas não me conformo com falta de limpeza. Um pobre precisa ser limpo. ³⁹Sobretudo se for preto...

Nosso inferno não são os “⁴⁰palácios” onde poucos entram, todos se conhecem e sabem dos seus lugares, ⁴¹mas os espaços abertos. ⁴²Sobretudo quando temos que esperar o sinal para caminhar e sentir como todo mundo!

⁴³— Eu sei que não sou e jamais vou ser todo mundo! — diz o magistrado do Tribunal Supremo.

É justo nesse “todo mundo” que jaz, ⁴⁴como um ⁴⁵cadáver oculto, o ⁴⁶nosso problema. ⁴⁷Pois como ser como todo mundo se mamãe nos criou para ser ministro? ⁴⁸Como ser como todo mundo se a nossa família tem origem nobre? ⁴⁹Empobrecemos⁵⁰, mas “temos berço”.

Como, então, seguir as normas de urbanidade deste nosso mundo urbano?

⁵¹— Não entro em fila! Não tenho paciência para esperas imbecis. Pago a um criado para tanto. Tenho que cuidar do meu projeto político socialista, que é urgente e está atrasado. Como é que eu vou ter tempo para ser como os outros?

A República proclamada sem um viés igualitário ⁵²só tem a perna da liberdade. ⁵³A da ⁵⁴igualdade que, ao lado da fraternidade, ⁵⁵regularia o seu caminho, nasceu ⁵⁶atrofiada e até hoje

permanece torta. A liberdade de gritar, de confrontar, é reveladora.⁵⁷ Só grita quem pode, e calar é sinal de juízo e respeito.

⁵⁸Hoje assistimos às tramas para impedir a realização da igualdade que, para muitos poderosos, foi longe demais igualando quem deveria estar acima da lei.

⁵⁹— Como ser como todo mundo numa sociedade marcada por privilégios? Qual a fórmula do viver democrático e igualitário?

⁶⁰Aprenda a dizer não a si mesmo. É nesse abrir-se para ser como todo mundo que está o espírito igualitário. A alma da democracia.

*Roberto DaMatta é antropólogo e colunista dos jornais *O Estado de São Paulo* e *O Globo*.

(Texto adaptado do original e disponível em <<https://oglobo.globo.com/opiniaio/ser-como-todo-mundo-21656782>>. Acesso em 30 ago. 2017)

Vocabulário

Ontologia: Parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010)

(Uem 2018) Assinale o que for **correto** quanto ao emprego de elementos linguísticos no texto.

01) Em “É entrar numa sala onde outras pessoas também aguardam na fila” (referência 22), o vocábulo “onde” (referência 23) poderia ser substituído por “que”, sem prejuízo sintático-semântico.

02) Na referência 4, o vocábulo “que” retoma a expressão “as hierarquias e as gradações”, desencadeando uma concordância verbal no plural com o verbo “estão” (referência 5).

04) Em “que tudo tem um dono” (referência 20), tem-se uma oração subordinada adjetiva que qualifica o verbo “saber” (referência 19).

08) Na referência 27, o uso de uma vírgula após o vocábulo “amizades” não provocaria mudança alguma de interpretação ao termo.

16) Na referência 18, “a qual” retoma a expressão “a nossa ontologia”, mencionada anteriormente.

Exercício 49

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

“Decretem nossa extinção e nos enterrem aqui”

A declaração de morte coletiva feita por um grupo de Guaranis Caiovás demonstra a incompetência do Estado brasileiro para cumprir a Constituição de 1988 e mostra que ¹somos todos

cúmplices de genocídio – uma parte de nós por ação, outra por omissão.

– Pedimos ao Governo e à Justiça Federal para não decretar a ordem de despejo/expulsão, mas decretar nossa morte coletiva e enterrar nós todos aqui. Pedimos, de uma vez por todas, para decretar nossa extinção/dizimação total, além de enviar vários tratores para cavar um grande buraco para jogar e enterrar nossos corpos. Este é o nosso pedido aos juízes federais. O trecho pertence à carta de um grupo de 170 indígenas que vivem à beira de um rio no município de Iguatemi, no Mato Grosso do Sul, cercados por pistoleiros. As palavras foram ditadas em 8 de outubro ao conselho Aty Guasu (assembleia dos Guaranis Caiovás), após receberem a notícia de que a Justiça Federal decretou sua expulsão da terra. São 50 homens, 50 mulheres e 70 crianças. Decidiram ficar. E morrer como ato de resistência – ²morrer com tudo o que são, na terra que lhes pertence. Há cartas, como a de Pero Vaz de Caminha, de 1º de maio de 1500, que são documentos de fundação do Brasil: fundam uma nação, ainda sequer imaginada, a partir do olhar estrangeiro do colonizador sobre a terra e sobre os habitantes que nela vivem. E há cartas, como a dos Guaranis Caiovás, escritas mais de 500 anos depois, que são documentos de falência. A partir da carta dos Guaranis Caiovás, tornamo-nos cúmplices de genocídio. Sempre fomos, mas tornar-se é saber que se é.

Eliane Brum

Fonte:

<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/elianebrum/noticia/2012/10/de-nossa-extincao-e-nos-enterrem-aqui.html> (Adaptado)

(G1 - cp2 2018) Releia o seguinte trecho do texto (ref. 2):

[...] *morrer com tudo o que são, na terra que lhes pertence*.

Substituindo a oração adjetiva sublinhada por um termo simples, assinale a alternativa em que a reescrita do trecho altera significativamente o sentido do texto

a) [...] morrer com tudo o que são, na terra deles.

b) [...] morrer com tudo o que são, naquelas terras.

c) [...] morrer com tudo o que são, nas suas terras.

d) [...] morrer com tudo o que são, nas próprias terras.

Exercício 50

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões).

Carta da Terra (excerto)

A Carta da Terra é um documento produzido no final da década de 1990 com a participação de países.

“Ela representa um grito de urgência face às ameaças que pesam sobre a biosfera e o projeto planetário humano. Significa também

um libelo em favor da esperança de um futuro comum da Terra e Humanidade.”

(Leonardo Boff)

PRINCÍPIOS

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

(...)

4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

- a) Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.
- b) Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, em longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.

(...)

- c) Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçados.
- d) Controlar e erradicar organismos não nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.
- e) ¹Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.

6. ²Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, ³quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.

- a) ⁴Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica for incompleta ou não conclusiva.

(...)

- d) Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou outras substâncias perigosas.

(...)

Ministério do Meio Ambiente.

www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta-terra.pdf.

Acesso em 20/05/2016.

(G1 - epcar (Cpcar) 2017) Dá-se o nome de coesão à conexão interna entre os vários enunciados de um texto, a qual é fruto das relações de sentido entre eles. Essas relações são manifestas por

certa categoria de palavras as quais chamamos elementos de coesão.

A partir dessa definição e da leitura atenta do texto, considere os fragmentos abaixo e as análises apresentadas.

I. “Orientar ações (...) mesmo quando a informação científica for incompleta...” (ref. 4) – a expressão coesiva mesmo quando serve para evidenciar uma exceção em relação à prática de as ações serem pautadas em conhecimentos científicos conclusivos.

II. “Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental...” (ref. 2) – a palavra como introduz um termo com função adverbial e estabelece um sentido de conformidade.

III. “... quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.” (ref. 3) – É possível afirmar que a conjunção quando além de veicular uma ideia de tempo, sugere também uma condição.

IV. “Manejar o uso de recursos renováveis (...) de forma que não excedam as taxas de regeneração...” (ref. 1) o pronome relativo que introduz uma oração adjetiva que está subordinada ao substantivo “forma”, especificando-o.

Está correto o que se afirma nos enunciados

a) I, II, III e IV.

b) II e IV apenas.

c) I, II e III apenas.

d) I e III apenas.

Exercício 51

(Fatec 2016) É boa a notícia para os fãs da natação, vôlei de praia, futebol, hipismo, ginástica rítmica e tiro com arco **que buscam ingressos para os Jogos Olímpicos Rio 2016**. Entradas para catorze sessões esportivas dessas modalidades, que tinham se esgotado na primeira fase de sorteio de ingressos, estão à venda.

<<http://tinyurl.com/qapfdjt>> Acesso em: 12.09.2015. Adaptado.

A ora o subordinada destacada nesse fragmento é

a) adjetiva restritiva.

b) adjetiva explicativa.

c) substantiva subjetiva.

d) substantiva apositiva.

e) substantiva predicativa.

Exercício 52

(Espcex (Aman) 2015) Assinale a alternativa que analisa corretamente a ora o sublinhada na frase a seguir.

“Os animais que se alimentam de carne chamam-se carnívoros.”

a) A oração adjetiva sublinhada serve para explicar como são chamados os animais que se alimentam de carne e, portanto, por ser explicativa, deveria estar separada por vírgulas.

b) Como todos os animais carnívoros alimentam-se de carne, não há restrição. Nesse caso, a oração sublinhada só poderá ser explicativa e, portanto, deveria estar separada por vírgulas.

c) Trata-se de uma oração evidentemente explicativa, pois ensina como são chamados os animais que se alimentam de carne. Sendo assim, a oração adjetiva sublinhada deveria estar separada por vírgulas.

d) A oração adjetiva sublinhada tanto pode ser explicativa, pois esclarece, em forma de aposto, o termo antecedente, quanto pode ser restritiva, por limitar o sentido do termo “animais”.

e) A oração adjetiva sublinhada só pode ser restritiva, pois reduz a categoria dos animais e é indispensável ao sentido da frase: somente os que comem carne é que são chamados de carnívoros.

Exercício 53

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

As próximas questões tomam por base uma passagem de um romance de Autran Dourado (1926- 2012).

A gente Honório Cota

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajes, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio; a calça é que era como a de todos na cidade — de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento — então era parelho mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa — o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descarnado, como uma ave pernalta de grande porte. Sendo assim tão descomunal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajaezado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

Ópera dos mortos, 1970.

(Unesp 2015) No início do segundo parágrafo, por ter na frase a mesma função sintática que o vocábulo “vagaroso” com relação a “passo”, a oração “de quem não tem pressa” é considerada

a) coordenada sindética.

b) subordinada substantiva.

c) subordinada adjetiva.

d) coordenada assindética.

e) subordinada adverbial.

Exercício 54

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

CPFL Energia apresenta: Planeta Sustentável

É buscando alternativas energéticas renováveis que a gente traduz nossa preocupação com o meio ambiente

Sustentabilidade é um ¹conceito que ²só ganha força quando ³boas ideias se transformam ⁴em grandes ações. É por acreditar ⁵nisso que nós, da CPFL, estamos desenvolvendo alternativas energéticas eficientes e renováveis e tomando as medidas necessárias para gerar cada vez menos impactos ambientais. A utilização da energia elétrica de forma consciente, o investimento em pesquisa e o desenvolvimento de veículos elétricos, o emprego de novas fontes, como a biomassa e a energia eólica, e a utilização de créditos de carbono são preocupações que há algum tempo já viraram ações da CPFL. E esta é a nossa busca: contribuir para a qualidade de vida de nossos consumidores e oferecer a todos o direito de viver em um planeta sustentável.

Revista Veja. 30 dez. 2009

(G1 - ifal 2012) No período “... *que só ganha força quando boas ideias se transformam em grandes ações...*” (1º parágrafo), temos:

a) uma relação de coordenação, com duas orações coordenadas assindética e sindética, respectivamente.

b) uma relação de subordinação, com orações subordinadas substantivas.

c) duas orações subordinadas adverbiais.

d) uma oração subordinada adjetiva e outra subordinada adverbial.

e) uma oração subordinada adjetiva e outra subordinada substantiva.

Exercício 55

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Emoções na montanha-russa (fragmento)

Uma das sensações mais intensas e perturbadoras ⁴que se pode experimentar, neste nosso mundo atual, é um passeio na

montanha-russa. Só não é nem um pouco recomendável para quem tenha problemas com os nervos ou com o coração, nem para aqueles com o sistema digestivo sensível. A própria decisão de entrar na brincadeira já requer alguma coragem, a gente sabe ¹que a emoção pode ser forte até demais e ²que podem decorrer consequências imprevisíveis. Entra quem quer ou quem se atreve, mas sabe-se também ³que muita gente entra forçada por amigos e pessoas queridas, meio que contra a vontade, pressionada pela vergonha de manifestar sentimentos de prudência ou o puro medo. Mas, uma vez que se entra, ⁵que se aperta a trava de segurança e a geringonça se põe em movimento, a situação se torna irremediável. Bate um frio na barriga, o corpo endurece, as mãos cravam nas alças do banco, a respiração se torna cada vez mais difícil e forçada, o coração descompassa, um calor estranho arde no rosto e nas orelhas, ondas de arrepio descem do pescoço pela espinha abaixo.

Nicolau Sevcenko: *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa.*

(G1 - ifce 2012) Em relação ao objeto a que se refere, uma oração adjetiva restritiva atribui a esse objeto uma característica, de modo a torná-lo específico entre semelhantes, a torná-lo um ser em particular; individualiza-o, por fim, pois condiciona seu sentido apenas ao contexto referenciado. Essa propriedade relacional é o que se observa na oração

a) “que a emoção pode ser forte” (ref. 1).

b) “que podem decorrer consequências imprevisíveis” (ref. 2).

c) “que muita gente entra forçada por amigos e pessoas queridas” (ref. 3).

d) “que se pode experimentar” (ref. 4).

e) “que se aperta a trava” (ref. 5).

Exercício 56

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Por causa do assassinato do caminhoneiro Pascoal de Oliveira, o Nego, pelo – também caminhoneiro – japonês Kababe Massame, após uma discussão, em 31 de julho de 1946, a população de Osvaldo Cruz (SP), que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da *Shindô-Renmei** na cidade, saiu às ruas e invadiu casas, disposta a maltratar “impiedosamente”, na palavra do historiador local José Alvarenga, qualquer japonês que encontrasse pela frente. O linchamento dos japoneses só foi totalmente controlado com a intervenção de um destacamento do Exército, vindo de Tupã, chamado pelo médico Oswaldo Nunes, um herói daquele dia totalmente atípico na história de Osvaldo Cruz e das cidades brasileiras.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o eclipse do Estado Novo e o desmantelamento da *Shindô-Renmei*, inicia-se um ciclo de emudecimento, de ambos os lados, sobre as quatro décadas de intolerância vividas pelos japoneses. Do lado local, foi sedimentando-se no mundo das letras a ideia do país como um

“paraíso racial”. Do lado dos imigrantes, as segundas e terceiras gerações de filhos de japoneses se concentraram, a partir da década de 1950, na construção da sua ascensão social. A história foi sendo esquecida, junto com o idioma e os hábitos culturais de seus pais e avós.

(Matinas Suzuki Jr. Folha de S.Paulo, 20.04.2008. Adaptado.)

* *Shindô-Renmei* foi uma organização nacionalista, que surgiu no Brasil após o término da Segunda Guerra Mundial, formada por japoneses que não acreditavam na derrota do Japão na guerra. Possuía alguns membros mais fanáticos que cometiam atentados, tendo matado e ferido diversos cidadãos nipo-brasileiros.

(Unifesp 2011) No texto, as orações (...) *que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da Shindô-Renmei na cidade* (...) e (...) *que encontrasse pela frente* (...) são exemplos, respectivamente, de oração subordinada adjetiva explicativa e subordinada adjetiva restritiva, porque:

a) a primeira limita o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda explica o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).

b) a pausa, antes e depois da primeira oração, revela seu caráter de restrição e precisão do sentido do termo antecedente, tal como se dá com a segunda oração.

c) na primeira, a oração é indispensável para precisar o sentido da anterior, enquanto, na segunda, a oração pode ser eliminada.

d) a primeira explica o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda limita o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).

e) o sentido do termo “qualquer japonês”, explicado na segunda oração, é determinante para a compreensão da primeira.

Exercício 57

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto 1

Araçatuba promove semana contra violência da mulher

Quebrando o Silêncio - Semana de Conscientização contra a Violência Doméstica irá acontecer pela quarta vez em Araçatuba. A ação é um projeto da Adra (Agência de Desenvolvimento de Recursos Assistenciais), órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Neste ano, a semana irá ocorrer em parceria com a Secretaria Municipal de Segurança, Câmara Municipal e Delegacia de Defesa da Mulher. As atividades serão realizadas nos dias 13, 14 e 15, das 9h as 17h, no calçadão da Marechal.

Disponível em www.folhadaregiao.com.br em 11/10/2010

Texto 2

Em 20 de novembro de 1959, foi proclamada a Declaração Universal dos Direitos da Criança, com a intenção de garantir à criança uma infância feliz.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069, art. 4º, esclarece que os direitos infantis precisam ser recordados todos os dias como o direito à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e comunitária.

Disponível em www.oecumene.radiovaticana.org em 12/10/2010.

Texto 3

Violência em maternidades revela problemas na saúde pública

Uma pesquisa apresentada à Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) revela que grávidas em trabalho de parto sofrem diversos maus tratos e desrespeitos por parte dos profissionais de saúde nas maternidades públicas. Segundo a análise, esse tipo de violência, além de apontar para os problemas estruturais da saúde pública, revela a “erosão” da qualidade ética das interações entre profissionais e pacientes, a banalização do sofrimento e uma cultura institucional marcada por estereótipos de classe e gênero.

Disponível em www.correiodobrasil.com.br (Ano XI – nº 3937) em 12/10/2010

(G1 - ifal 2011) A respeito do conectivo **que**, em: “... esclareceu **que** os direitos infantis precisam ser recordados...” (texto 2), podemos dizer que o termo em evidência é classificado como :

- a) pronome relativo e introduz uma oração subordinada adjetiva.
- b) pronome relativo e introduz oração subordinada substantiva.
- c) conjunção integrante e encabeça oração subordinada adverbial.
- d) conjunção integrante e encabeça oração subordinada substantiva.
- e) conjunção explicativa e introduz oração coordenada.

Exercício 58

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Armas demais

A disparada da taxa de homicídios em Porto Alegre não deixa dúvida de que o descontrole da posse e do porte de armas é um dos fatores preponderantes nas tragédias urbanas. Repete-se sempre em momentos como este o argumento de que não são as armas que matam, mas as pessoas que as manipulam ¹– essas pessoas, ²porém, têm suas ações facilitadas pelo porte legal ou ilegal desses equipamentos. É ³evidente que o setor de segurança tem falhado, em todo o Brasil, em relação ao cumprimento das restrições para que alguém seja proprietário de

uma arma de fogo e, mais ainda, que possa portá-la sem constrangimentos.

Falham também as leis e a Justiça, quando pessoas armadas, flagradas nas ruas, não se submetem a punições mais drásticas e voltam a desafiar as autoridades e a atormentar as comunidades. Consta-se que essa é uma realidade nacional, a partir das estatísticas da violência. ⁴É assustador que, a cada meia hora, uma pessoa seja assassinada ⁵nas capitais brasileiras, ⁶que concentram os piores índices de criminalidade. E não há mais dúvida de que as vítimas não são apenas delinquentes eliminados por outros marginais, o que já seria uma barbárie, mas também pessoas comuns, muitas das quais atingidas por balas perdidas. O debate sobre a desproteção da sociedade faz com que ressurgam a hipótese de assegurar o amplo direito de defesa de todos pelo acesso a armamentos. A solução, no entanto, ⁷certamente está muito mais em aprimorar as políticas e as ações de segurança e exercer controle rigoroso sobre o uso ilegal e banalizado de armas, com repressão e punição, do que em transmitir ao cidadão a sensação controversa de que sua defesa depende do arsenal particular que tiver em casa.

Texto publicado no jornal *Zero Hora*, em 01 out. 2015. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/opiniaop/2015/10/armas-demaais-4859707.html>. Acesso em 01 out. 2015. Adaptação.

(Unisinos 2016) Analise as seguintes afirmações relativas ao emprego de alguns recursos linguísticos no texto.

- I. A conjunção “porém” (referência 2) é empregada numa afirmação que tem força argumentativa maior do que a afirmação que precede o travessão da referência 1.
- II. Com o emprego do adjetivo “evidente” (referência 3) e do advérbio “certamente” (referência 7), o editorialista engaja-se fortemente em seu discurso, fazendo afirmações categóricas.
- III. A oração “que concentram os piores índices de criminalidade” (referência 6) é separada por vírgula da oração anterior, porque restringe o referente “(n)as capitais brasileiras” (referência 5).

Sobre as proposições acima, pode-se afirmar que

- a) apenas I está correta.
- b) apenas II está correta.
- c) apenas III está correta.
- d) apenas I e II estão corretas.
- e) apenas II e III estão corretas.

Exercício 59

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Os moradores do casarão

(...)

1 Consultando o relógio de parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente. Toma banho dentro da bacia no quarto,

16 - Acho que sim.

III. Para enfatizar a ideia de ação executada num presente momentâneo, o segundo personagem utilizou o verbo auxiliar **estar** unido a uma forma nominal do verbo **lutar**.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) I, II e III.

Exercício 61

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O mundo como pode ser: uma outra globalização

Podemos pensar na construção de um outro mundo a partir de uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir uma globalização perversa. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico.

Considerando o que atualmente se verifica no plano empírico, podemos, em primeiro lugar, reconhecer um certo número de fatos novos indicativos da emergência de uma nova história. O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescenta, graças ao progresso da informação, a “mistura” de filosofia, em detrimento do racionalismo europeu. Um outro dado de nossa era, indicativo da possibilidade de mudanças, é a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias. As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*A rebelião das massas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança.

É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população, aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para

resultar da experiência ordinária de cada pessoa. De tal modo, em mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 13. ed. São Paulo: Record, 2006. p. 20-21. (Adaptado).

(Ueg 2018) Considere o seguinte parágrafo:

“É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população, aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual”.

A oração reduzida de gerúndio “abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual” retoma como sujeito o seguinte sintagma:

- a) “uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais”
- b) “a população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra”
- c) “descoberta pelas massas”
- d) “o discurso da escassez”
- e) “tais alicerces”

Exercício 62

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

REFLETINDO SOBRE APROPRIAÇÃO CULTURAL

Os efeitos desta supervalorização da cultura europeia é a existência de uma hierarquia cultural

Já há algum tempo, acompanho esse debate sobre apropriação cultural e, lendo os artigos produzidos (a favor ou contra), percebi que a maioria não consegue articular este debate com questões mais amplas: racismo e capitalismo.

É preciso aceitar que há apropriação cultural. E que esta apropriação não é resultado de uma troca cultural. E por quê? A cultura predominante em nosso país é a ocidental que nos obriga a digerir a cultura europeia. Isso é bem problemático numa sociedade marcada pela diversidade étnico-cultural. Os efeitos desta supervalorização da cultura europeia é a existência de uma hierarquia cultural. E é aqui que racismo e capitalismo se articulam na apropriação da cultura do outro.

Ninguém no Brasil é proibido de usar um turbante, uma guia ou de pertencer a alguma religião de matriz africana. Porém, há um olhar diferenciado quando negros ou negras usam um turbante, uma guia que os identificam com o candomblé em espaço público. Diferente de brancos. Os primeiros são logo tachados de macumbeiros e os segundos, na moda, estilo e tendência étnica.

O cerne da questão se dá quando a cultura africana e afro-brasileira é apropriada por empresas e os protagonistas são excluídos do processo. Outro problema da assimilação cultural é seu retorno. Esta retorna na forma de mercadoria esvaziada de sentido. A filósofa e feminista negra Djamila Ribeiro faz a provocação: “A etnia Maasai não quer ser reparada pelo mundo da moda por apropriação, porque lucraram com sua cultura sem que eles recebessem por isso.” A relação entre capitalismo e racismo se manifesta desta forma.

O debate sobre apropriação cultural propõe refletir sobre o uso da cultura africana e afro-brasileira por empresas sem a presença e um retorno aos protagonistas. Para os que fazem este debate de forma ampla, há uma compreensão de que não é justo atingir pessoas. Estas não possuem um conhecimento sobre tal problemática. É preciso atacar as empresas que usam e abusam da cultura desses povos e a transformam em simples mercadoria. Chamo atenção (finalizando) para o fato de alguns artigos que, sem entender ou por pura desonestidade intelectual, procuram, ao combater os argumentos daqueles que escrevem sobre a apropriação cultural, desqualificar toda uma produção de conhecimento forjada a partir de uma longa experiência no combate ao racismo. Penso que todo debate é válido, porém, sejamos éticos.

FERREIRA, H. *Refletindo sobre apropriação cultural*. Disponível em: < <http://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2017/02/hilario-ferreira-refletindo-sobre-apropriacao-cultural.html>>. Acesso em: 09 maio 2017 (adaptado).

(G1 - ifpe 2017) Com base nas estratégias lógico-discursivas mobilizadas no texto, considere as seguintes afirmativas.

- I. No trecho “lendo os artigos produzidos (a favor ou contra), percebi que a maioria não consegue articular este debate” (parágrafo 1), o verbo grifado institui uma oração subordinada reduzida de gerúndio e estabelece, com a oração seguinte, uma relação de alternância.
- II. Em “Porém, há um olhar diferenciado” (parágrafo 3), a conjunção destacada introduz uma ideia de oposição com relação ao período anterior.
- III. Em “O cerne da questão se dá quando a cultura africana e afro-brasileira é apropriada por empresas” (parágrafo 4), a conjunção grifada introduz uma circunstância de tempo.
- IV. No trecho “A etnia Maasai não quer ser reparada pelo mundo da moda por apropriação, porque lucraram com sua cultura sem que eles recebessem por isso” (parágrafo 4), a expressão em destaque introduz a consequência do lucro do mundo da moda com a cultura Maasai.
- V. Em “Chamo atenção (finalizando) para o fato de alguns artigos que [...] procuram, ao combater os argumentos daqueles que escrevem sobre a apropriação cultural, desqualificar toda uma produção de conhecimento forjada” (parágrafo 6), a expressão verbal grifada introduz uma oração reduzida de infinitivo que estabelece uma relação de conformidade com a oração anterior.

Estão CORRETAS apenas as assertivas

- a) I e III.

b) II e III.

c) III e V.

d) III, IV e V.

e) I, II e IV.

Exercício 63

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Janelas Quebradas: uma teoria do crime que merece reflexão

A teoria das janelas quebradas ou “*broken windows theory*” é um modelo norte-americano de política de segurança pública no enfrentamento e combate ao crime, tendo como visão fundamental a desordem como fator de elevação dos índices da criminalidade. Nesse sentido, apregoa tal teoria que, ¹se não forem reprimidos, os pequenos delitos ou contravenções conduzem, inevitavelmente, a condutas criminosas mais graves, em vista do descaso estatal em punir os responsáveis pelos crimes menos graves. Torna-se necessária, ²então, a efetiva atuação estatal no combate à criminalidade, seja ela a microcriminalidade ou a macrocriminalidade.

Essa teoria na verdade começou a ser desenvolvida em 1982, ³quando o cientista político James Q. Wilson e o psicólogo criminologista George Kelling, americanos, publicaram um estudo na revista *Atlantic Monthly*, estabelecendo, pela primeira vez, uma relação de causalidade entre desordem e criminalidade. Nesse estudo, utilizaram os autores da imagem das janelas quebradas para explicar como a desordem e a criminalidade poderiam, aos poucos, infiltrar-se na comunidade, causando a sua decadência e a consequente queda da qualidade de vida. O estudo realizado por esses criminologistas teve por base a experiência dos carros abandonados no Bronx e em Palo Alto. Em suas conclusões, esses especialistas acreditam que, ampliando a análise situacional, se por exemplo uma janela de uma fábrica ou escritório fosse quebrada e não fosse, ⁴incontinenti, consertada, quem por ali passasse e se deparasse com a cena logo iria concluir que ninguém se importava com a situação e que naquela localidade não havia autoridade responsável pela manutenção da ordem. Logo em seguida, as pessoas de bem deixariam aquela comunidade, relegando o bairro à mercê de gatunos e desordeiros, pois apenas pessoas desocupadas ou imprudentes se sentiriam à vontade para residir em uma rua cuja decadência se torna evidente. Pequenas desordens, portanto, levariam a grandes desordens e, posteriormente, ao crime.

Da mesma forma, concluem os defensores da teoria, quando são cometidas “pequenas faltas” (estacionar em lugar proibido, exceder o limite de velocidade, passar com o sinal vermelho) e as mesmas não são sancionadas, logo começam as faltas maiores e os delitos cada vez mais graves. Se admitirmos atitudes violentas como algo normal no desenvolvimento das crianças, o padrão de desenvolvimento será de maior violência quando essas crianças se tomarem adultas.

A Teoria das Janelas Quebradas definiu um novo marco no estudo da criminalidade ao apontar que a relação de causalidade entre a

criminalidade e outros fatores sociais, tais como a pobreza ou a “segregação racial” é menos importante do que a relação entre a desordem e a criminalidade. Não seriam somente fatores ambientais (mesológicos) ou pessoais (biológicos) que teriam influência na formação da personalidade criminosa, contrariando os estudos da criminologia clássica.

(...)

A expressão “tolerância zero” soa, ⁵a priori, como uma espécie de solução autoritária e repressiva. Se for aplicada de modo unilateral, pode facilmente ser usada como instrumento opressor pela autoridade fascista de plantão, tal como um ditador ou uma força policial dura. Mas seus defensores afirmam que o seu conceito principal é muito mais a prevenção e a promoção de condições sociais de segurança. Não se trata de linchar o delinquente, mas sim de impedir a eclosão de processos criminais incontroláveis. O método preconiza claramente que aos abusos de autoridade da polícia e dos governantes também se deve aplicar a tolerância zero. Ela não pode, em absoluto, restringir-se à massa popular. Não se trata, é preciso frisar, de tolerância zero em relação à pessoa que comete o delito, mas tolerância zero em relação ao próprio delito. ⁶Trata-se de criar comunidades limpas, ordenadas, respeitadas da lei e dos códigos básicos da convivência social humana.

A tolerância zero e sua base filosófica, a Teoria das Janelas Quebradas, colocou Nova York na lista das metrópoles mundiais mais seguras. Talvez elas possam, também, não apenas explicar o que acontece aqui no Brasil em matéria de corrupção, impunidade, amoralidade, criminalidade, vandalismo, etc., mas tornarem-se instrumento para a criação de uma sociedade melhor e mais segura para todos.

http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/116409/Janelas-Quebradas-Uma-teoria-do-crime-que-merece-reflex%C3%A3o.htm

(Unisc 2016) Quanto às possibilidades de reescrita para os enunciados a seguir, aponte a(s) afirmativa(s) que avalia(m) adequadamente as alterações.

I. Nesse sentido, apregoa tal teoria que, se não forem reprimidos, os pequenos delitos ou contravenções conduzem, inevitavelmente, a condutas criminosas mais graves, em vista do descaso estatal em punir os responsáveis pelos crimes menos graves.

Reescrita: Nesse sentido, apregoa tal teoria que, **em sendo reprimidos**, os pequenos delitos (...).

Consideração: a substituição da construção com o uso de condicional pela forma reduzida não gera modificação alguma no sentido original do enunciado.

II. Se admitirmos atitudes violentas como algo normal no desenvolvimento das crianças, o padrão de desenvolvimento será de maior violência quando essas crianças se tornarem adultas.

Reescrita: **Caso sejam admitidas** atitudes violentas (...).

Consideração: a reescrita proposta mantém a relação original de condição, tendo sido feitas alterações, de forma adequada, na forma verbal.

III. Se for aplicada de modo unilateral, pode facilmente ser usada como instrumento opressor pela autoridade fascista de plantão, tal como um ditador ou uma força policial dura.

Reescrita: **Aplicando-a de modo unilateral**, (...).

Consideração: a reescrita com emprego de uma oração reduzida de gerúndio manteve o mesmo grau de condicionalidade para que a afirmação a seguir seja sustentada.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa I está correta.
- b) Somente as afirmativas II e III estão corretas.
- c) Somente a afirmativa III está correta.
- d) Somente a afirmativa II está correta.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

Exercício 64

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Como percepção da sociedade moderna, não há nada que se compare a ‘O Capital’, ao ‘Manifesto Comunista’ e aos escritos sobre a luta de classes na França. A potência da formulação e da análise até hoje deixa boquiaberto. Dito isso, os prognósticos de Marx sobre a revolução operária não se realizaram, o que obriga a uma leitura distanciada. Outros aspectos da teoria, entretanto, ficaram de pé, mais atuais do que nunca, tais como a mercantilização da existência, a crise geral sempre pendente e a exploração do trabalho. Nossa vida intelectual seria bem mais relevante se não fechássemos os olhos para esse lado das coisas.

(Roberto Schwarz, “Por que ler Marx”, *Folha de S.Paulo*, 22.02.2013)

(Espm 2014) No trecho: “Dito isso, os prognósticos de Marx sobre a revolução operária...”, a vírgula separa uma oração reduzida e isso também ocorre na frase:

- a) Nada influencia mais a mortalidade infantil, no Brasil de hoje, do que o baixo nível de escolaridade dos adultos.
- b) Nem a falta de dinheiro, de água ou de esgoto têm um impacto maior na mortalidade infantil.
- c) Se 1% dos adultos de uma cidade é alfabetizado, mais 47 crianças em média sobrevivem à primeira infância.
- d) O pesquisador do IBGE Celso Simões, autor do estudo, afirma que educação importa mais que saneamento.
- e) Tendo a mãe um pouco de educação, consegue-se que o filho tenha acesso aos programas sociais do governo.

Exercício 65

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Pais estão reavaliando sonhos de maternidade e paternidade

Não é de hoje que o brasileiro dá sinais de que está diminuindo a resistência em adotar crianças que não sejam a sua imagem e semelhança.

No estado de São Paulo, desde 2007, os pretendentes já não fazem mais tanta questão de que o filho adotivo seja uma menina recém-nascida e branca. Os estudos também mostram que tem aumentado a aceitação para a adoção de irmãos, respeitando-se os vínculos afetivos existentes.

A boa notícia é que, a partir de dados expressivos do Conselho Nacional de Justiça, essa tendência parece ser nacional. No entanto, se há uma verdadeira mudança em curso na cultura de se querer adotar a criança idealizada e não a real, ainda é cedo para saber.

É possível, por exemplo, que o aumento da preferência por crianças negras esteja relacionado de alguma forma ao comportamento de famosos (Madonna, Angelina Jolie, Sandra Bullock), mas não é só isso. Na avaliação de profissionais que atuam no campo da adoção, as pessoas começaram a reavaliar seus sonhos de maternidade e paternidade ao perceber que aquele bebê loiro e de olhos azuis não existe nos abrigos. Talvez estejam compreendendo melhor as verdadeiras motivações da adoção e superando a ideia de que um filho adotivo deva ser a cópia do que a biologia negou.

Não existem pessoas sem desejos ou preferências, mas iniciativas de grupos de adoção e de integrantes dos Juizados da Infância, no sentido de desmistificar certas ideias equivocadas sobre a adoção, podem estar surtindo efeito.

Mas ainda há outros mitos a serem derrubados, como a indiscutível preferência dos pretendentes por meninas.

A adoção tardia também é outro desafio. Oitenta por cento dos pretendentes buscam crianças com até três anos de idade. Às mais velhas, resta uma eventual adoção por casais estrangeiros ou a permanência nos abrigos até se tornarem adultas, vivendo sem laços familiares e abandonadas à própria sorte.

(Cláudia Collucci, *Folha de S. Paulo*, 08.08.2010. Adaptado)

(Ifsp 2011) Assinale a alternativa em que se desenvolveu a oração reduzida em destaque de forma coerente com o sentido do texto.

Na avaliação de profissionais que atuam no campo da adoção, as pessoas começaram a reavaliar seus sonhos de maternidade e paternidade **ao perceber** que aquele bebê loiro e de olhos azuis não existe nos abrigos.

- a) ... depois que percebessem...
- b) ... quando perceberam...
- c) ... ainda que tenham percebido...
- d) ... embora houvessem percebido...
- e) ... à medida que perceberão...

Exercício 66

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A diferença entre Salário Mínimo e Salário Mínimo Necessário

A Constituição Federal, promulgada em 5 de outubro de 1988, define o Salário Mínimo como aquele fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às necessidades vitais básicas do trabalhador e de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social; além de incorporar reajustes periódicos que preservem seu poder aquisitivo (Constituição da República Federativa do Brasil, art. 7º, inciso IV).

Para calcular o Salário Mínimo Necessário, o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) considera a regra constitucional de que o salário mínimo deve atender às necessidades básicas do trabalhador e de sua família e que o valor pago é o mesmo para todo o país. Também usa como base o Decreto-Lei no 399, de 1938, que estabelece que o valor dedicado para a alimentação de um trabalhador adulto não pode ser inferior ao custo de uma Cesta Básica de Alimentos.

Em maio de 2019, o Salário Mínimo Nacional foi de R\$ 998,00, porém o Salário Mínimo Necessário para sustentar uma família composta por dois adultos e duas crianças foi calculado pelo DIEESE em R\$ 4.259,90, uma diferença de mais de 3.200 reais.

Adaptado de:

www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html.

Acesso em: 02/07/2019.

(Uepg-pss 1 2020) Na primeira linha do texto, há a informação “promulgada em 5 de outubro de 1988”, que está em uma oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de participípio. A respeito da utilização dessa oração, assinale o que for correto.

01) O elemento precedente ao qual essa oração acrescenta informações é *Constituição Federal*.

02) As vírgulas utilizadas para marcar o início e o fim dessa oração poderiam ser substituídas por pontos finais sem prejuízo do entendimento.

04) O elemento precedente ao qual essa oração acrescenta informações é *Salário Mínimo*.

08) As vírgulas utilizadas para marcar o início e o fim dessa oração poderiam ser substituídas por parênteses sem prejuízo do entendimento.

Exercício 67

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir e responda.

“Tem uma frase boa que diz: uma língua é um dialeto com exércitos. Um idioma só morre se não tiver poder político”, explica Bruno L'Astorina, da Olimpíada Internacional de Linguística. E não dá para discordar. Basta pensar na infinidade de idiomas que existiam no Brasil (ou em toda América Latina) antes da chegada dos europeus – hoje são apenas 227 línguas vivas no país. Dominados, os índios perderam sua língua e cultura. O latim predominava na Europa até a queda do Império Romano. Sem

poder, as fronteiras perderam força, os germânicos dividiram as cidades e, do latim, surgiram novos idiomas. Por outro lado, na Espanha, a poderosa região da Catalunha ainda mantém seu idioma vivo e luta contra o domínio do espanhol. Não é à toa que esses povos insistem em cuidar de seus idiomas. Cada língua guarda os segredos e o jeito de pensar de seus falantes. “Quando um idioma morre, morre também a história. O melhor jeito de entender o sentimento de um escravo é pelas músicas deles”, diz Luana Vieira, da Olimpíada de Linguística. Veja pelo aimará, uma língua falada por mais de 2 milhões de pessoas da Cordilheira dos Andes. Nós gesticulamos para trás ao falar do passado. Esses povos fazem o contrário. “Eles acreditam que o passado precisa estar à frente, pois é algo que já não visualizamos. E o futuro, desconhecido, fica atrás, como se estivéssemos de costas para ele”, explica.

CASTRO, Carol. Blá-blá-blá sem fim. *Galileu*, ed. 317, dez. 2017, p. 31.

(Uel 2019) Com base no trecho “Eles acreditam que o passado precisa estar à frente, pois é algo que já não visualizamos. E o futuro, desconhecido, fica atrás, como se estivéssemos de costas para ele”, considere as afirmativas a seguir.

- I. No primeiro período, há uma oração coordenada explicativa.
- II. A oração subordinada adjetiva “desconhecido” é reduzida de particípio.
- III. As duas ocorrências da palavra “que” apontam para classes diferentes.
- IV. O conectivo “como se” equivale semanticamente a “assim como”.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Exercício 68

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões).

A PIPOCA

Rubem Alves

A culinária me fascina. De vez em quando eu até me atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras que com as panelas. Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Dedico-me a algo que poderia ter o nome de “culinária literária”. Já escrevi sobre as mais variadas entidades do mundo da cozinha: cebolas, ora-pro-nóbis, picadinho de carne com tomate feijão e arroz, bacalhoada, suflês, sopas, churrascos.

Cheguei mesmo a dedicar metade de um livro poético-filosófico a uma meditação sobre o filme *A festa de Babette*, que é uma celebração da comida como ritual de feitiçaria. Sabedor das minhas limitações e competências, nunca escrevi como chef. Escrevi como filósofo, poeta, psicanalista e teólogo – porque a culinária estimula todas essas funções do pensamento. As comidas, para mim, são entidades oníricas. Provocam a minha capacidade de sonhar. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu. A pipoca, milho mirrado, grãos redondos e duros, me pareceu uma simples molecagem, brincadeira deliciosa, sem dimensões metafísicas ou psicanalíticas. Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca. E algo inesperado na minha mente aconteceu. Minhas ideias começaram a estourar como pipoca. Percebi, então, a relação metafórica entre a pipoca e o ato de pensar. Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível. A pipoca se revelou a mim, então, como um extraordinário objeto poético. Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela.

Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem. Para os cristãos, religiosos são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, a mistura de vida e alegria (porque vida, só vida, sem alegria, não é vida...). Pão e vinho devem ser bebidos juntos. Vida e alegria devem existir juntas. Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do candomblé...

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido. Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista do tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a ideia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecassem e pudessem ser comidos. Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado. Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

E o que é que isso tem a ver com o candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa – voltar a ser crianças! Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca,

para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão – sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: pum! – e ela aparece como uma outra coisa, completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro. “Morre e transforma-te!” – dizia Goethe. Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os paulistas descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar. Meu amigo William, extraordinário professor-pesquisador da Unicamp, especializou-se em milhos, e desvendou cientificamente o assombro do estouro da pipoca. Com certeza ele tem uma explicação científica para os piruás. Mas, no mundo da poesia as explicações científicas não valem. Por exemplo: em Minas “piruá” é o nome que se dá às mulheres que não conseguiram casar. Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: “Fiquei piruá!” Mas acho que o poder metafórico dos piruás é muito maior. Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. Ignoram o dito de Jesus: “Quem preservar a sua vida perdê-la-á.” A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo. Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

Disponível em http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp.
Acessado em 31 de mai. 2016.

(Efomm 2017) Nos períodos que se seguem aparecem orações sublinhadas reduzidas. A única EXCEÇÃO está na opção:

- a) *Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca.*
- b) *Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas (...)*
- c) *Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua.*
- d) *Ignoram o dito de Jesus: ‘Quem preservar a sua vida perde-la-á.’*
- e) *Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás.*

Exercício 69

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Cineclube em SP realiza feira de trocas mensal

¹No último domingo (7), a associação Cineclube Socioambiental Crisantempo, localizada na Vila Madalena, bairro da zona oeste de São Paulo, realizou uma feira em que os moradores puderam trocar objetos entre si. ²A iniciativa busca incentivar o consumo consciente e levar para o espaço o conceito de economia solidária.

⁴A feira de trocas acontece uma vez por mês, sempre aos domingos. O grupo aconselha levar livros, roupas, CDs, DVDs, aparelhos eletrônicos, brinquedos, objetos de decoração, objetos em geral que estejam em bom estado.

Segundo os organizadores, o objetivo é “promover um espaço de reflexão sobre o consumo, trocar diversos tipos de objetos, saberes e sabores”. Por isso, também podem ser levados alimentos e plantas, além de “serviços e saberes”. Tudo para a troca de ideias e divulgação de utilidades.

O evento funciona da seguinte maneira: ⁵cada um coloca seus bens num local e utiliza uma etiqueta com seu nome. Após a organização dos espaços pessoais, os participantes circulam para conhecer os espaços dos outros e ⁶num determinado momento (ao tocar do sino) começam as trocas.

⁷O espaço também promove o desapego através da doação. Há uma área destinada apenas para doar objetos às instituições que necessitam. Para finalizar, acontece um lanche ⁸compartilhado com alimentos levados pelos próprios participantes. ⁹Uma ¹⁰experiência colaborativa agradável, que questiona o ¹¹individualismo imposto nas grandes cidades.

Fonte: <http://ciclovivo.com.br/noticia/cineclube-em-sp-realiza-feira-de-trocas-mensalmente/>. Acesso em 03/10/2016.

(G1 - cp2 2017) Releia o trecho a seguir, destacado do texto:

“(...) num determinado momento (ao tocar o sino) começam as trocas.” (referência 6)

Em relação ao elemento sublinhado nesse trecho, é possível afirmar que a preposição “a” introduz uma oração adverbial reduzida com valor de

a) tempo.

b) causa.

c) finalidade.

d) consequência.

Exercício 70

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

Sobre o mar e o navio

Na guerra naval, existem ainda algumas peculiaridades que merecem ser abordadas.

Uma delas diz respeito ao cenário das batalhas: o mar. Diferente, em linhas gerais, dos teatros de operações terrestres, o mar não tem limites, não tem fronteiras definidas, a não ser nas proximidades dos litorais, nos estreitos, nas baías e enseadas.

Em uma batalha em mar aberto, certamente, poderão ser empregadas manobras táticas diversas dos engajamentos efetuados em área marítima restrita. Nelas, as forças navais podem se valer das características geográficas locais, como fez o comandante naval grego Temístocles, em 480 a.C. ao atrair as forças persas para a baía de Salamina, onde pôde proteger os flancos de sua formatura, evitando o envolvimento pela força naval numericamente superior dos invasores persas.

As condições meteorológicas são outros fatores que também afetam, muitas vezes de forma drástica, as operações nos teatros marítimos. O mar grosso, os vendavais, ou mesmo as longas calmarias, especialmente na era da vela, são responsáveis por grandes transtornos ao governo dos navios, dificultando fainas e manobras e, não poucas vezes, interferindo nos resultados das ações navais ou mesmo impedindo o engajamento. É oportuno lembrar que o vento e a força do mar destruíram as esquadras persa (490 a.C.), mongol (1281) e a incrível Armada Espanhola (1588), salvando respectivamente a Grécia, o Japão (que denominou de *kamikaze* o vento divino salvador) e a Inglaterra daqueles invasores vindos do mar.

O cenário marítimo também é o responsável pela *causa mortis* da maioria dos tripulantes dos navios afundados nas batalhas navais, cujas baixas por afogamento são certamente mais numerosas do que as causadas pelos ferimentos dos impactos dos projéteis, dos estilhaços e dos abalroamentos. Em maio de 1941, o cruzador de batalha britânico HMS Hood, atingido pelo fogo da artilharia do Bismarck, afundou, em poucos minutos, levando para o fundo cerca de tripulantes, dos quais apenas três sobreviveram.

Aliás, o instante do afundamento de um navio é um momento crucial para a sobrevivência daqueles tripulantes que conseguem saltar ou são jogados ao mar, pois o efeito da sucção pode arrastar para o fundo os tripulantes que estiverem nas proximidades do navio no momento da submersão. Por sua vez, os naufragos podem permanecer dias, semanas, em suas balsas à deriva, em um mar batido pela ação dos ventos, continuamente borrifadas pelas águas salgadas, sofrendo o calor tropical escaldante ou o frio intenso das altas latitudes, como nos mares Ártico, do Norte ou Báltico, cujas baixas temperaturas dos tempos inverniais limitam cabalmente o tempo de permanência n'água dos naufragos, tornando fundamental para a sua sobrevivência a rapidez do socorro prestado.

O navio também é um engenho de guerra singular. Ao mesmo tempo morada e local de trabalho do marinheiro, graças à sua mobilidade, tem a capacidade de conduzir homens e armas até o cenário da guerra. Plataforma bélica plena e integral, engaja batalhas, sofre derrotas, naufraga ou conquista vitórias, tornando-se quase sempre objeto inesquecível da história de sua marinha e país.

(CESAR, William Carmo. Sobre o mar e o navio. In: _____. *Uma história das Guerras Navais*: o desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do Poder Naval ao longo dos tempos. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013. p. 396-398)

(Esc. Naval 2016) Assinale a opção em que a oração subordinada reduzida está corretamente classificada.

a) “[...] ao atrair as forças persas para a baía de Salamina [...]” (3º parágrafo) – subordinada adverbial final

b) “[...] dificultando fainas e manobras e, não poucas vezes, [...]” (4º parágrafo) – subordinada substantiva subjetiva

c) “[...] atingido pelo fogo da artilharia do Bismarck [...]” (5º parágrafo) – subordinada adjetiva restritiva

d) “[...] sofrendo o calor tropical escaldante ou o frio intenso [...]” (6º parágrafo) – subordinada adverbial causal

e) “[...] de conduzir homens e armas até o cenário da guerra.” (7º parágrafo) – subordinada substantiva completiva nominal

Exercício 71

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Instrução: A(s) quest(ões) a seguir refere(m)-se ao texto abaixo.

Dia da Proclamação da República

¹ ____ exatos 125 anos, em 15 de novembro de 1889, foi proclamada a república do Brasil.

Na época, o país era governado por D. Pedro II e passava por grandes problemas, em razão da abolição da escravidão, em 1888.

² Como os negros não trabalhavam mais nas lavouras, os

³ imigrantes começaram a ocupar seus lugares, plantando e

colhendo, mas cobravam pelos trabalhos realizados, o que gerou insatisfação nos proprietários de terras.

As perdas também foram grandes para os coronéis, ⁴pois ⁵_____ gasto uma enorme ⁶quantidade de dinheiro investindo nos escravos, e o governo, após a abolição, não pagou nenhuma indenização a eles.

A guerra do Paraguai (1864 a 1870) também ajudou na luta ⁷contra o regime monárquico no Brasil. Soldados brasileiros se aliaram aos exércitos do Uruguai e da Argentina, recebendo orientações para implantarem a república no Brasil.

Os movimentos republicanos também já aconteciam no ⁸país, a ⁹imprensa trazia politização ¹⁰_____ população civil, ¹¹para lutarem pela libertação do país dos domínios de Portugal. Com isso, vários partidos teriam sido criados, desde 1870.

A Igreja também teve sua participação para que a república do Brasil fosse proclamada. Dois bispos foram nomeados para ¹²acatarem as ordens de D. Pedro II, tornando-se seus subordinados, ¹³mas não aceitaram tais imposições. Com isso, foram punidos com pena de prisão, levando ¹⁴_____ igreja ¹⁵_____ ir contra o governo.

Com as tensões aquecendo o mandato de D. Pedro II, o imperador dirigiu-se com sua família para a cidade de Petrópolis, também no estado do Rio de Janeiro.

¹⁶Porém seu afastamento não foi nada favorável, fazendo com que fosse posto em prática um golpe militar, onde o Marechal Deodoro da Fonseca conspirava a derrubada de D. Pedro II. Boatos de que os responsáveis pelo plano seriam presos fizeram com que a armada acontecesse, recebendo o apoio de mais de seiscentos soldados.

No dia 15 de novembro de 1889, ao passar pela Praça da Aclamação, o Marechal, com espada em punho, declarou que, a partir daquela data, o país seria uma república.

Dom Pedro II recebeu a notícia de que seu governo ¹⁷havia sido derrubado e um decreto o expulsava do país, juntamente com sua família. Dias depois, voltaram a ¹⁸Portugal.

Para governar o Brasil República, os responsáveis pela conspiração montaram um governo provisório, mas o Marechal Deodoro da Fonseca permaneceu como presidente do país. Rui Barbosa, Benjamin Constant, Campos Sales e outros foram escolhidos para formar os ministérios.

(FONTE: Jussara de Barros, <http://www.brasilecola.com-Texto>
Adaptado)

(Imed 2015) Em relação ao período:

Como os negros não trabalhavam mais nas lavouras, os imigrantes começaram a ocupar seus lugares, plantando e colhendo, mas cobravam pelos trabalhos realizados (ref. 2), são feitas as seguintes afirmações:

I. É um período composto, formado por orações subordinadas e coordenadas.

II. *plantando e colhendo* representam orações reduzidas de gerúndio.

III. *a ocupar seus lugares* poderia ser expandida, assumindo a forma *a ocupação de seus lugares*.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas II e III.

Exercício 72

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A literatura da era digit@l

A internet tem sido um veículo de extrema importância para a divulgação dos escritores das novas gerações, ⁴assim como dos autores de épocas em que os únicos meios de acesso à leitura eram o livro e os jornais. Hoje, com todo o advento da tecnologia, os leitores de diversas faixas etárias e de qualquer parte do mundo podem acessar e fazer o *download* gratuito de uma infinidade de livros, usando o site de buscas Google.

¹³Pesquisas recentes indicam que o número de obras literárias de poesia e ficção tem crescido consideravelmente dentro do espaço cibernético nos últimos anos. ⁹Vários escritores têm preferido publicar seus textos ou livros virtualmente a ter que enfrentar os critérios e a seleção, muitas vezes injusta, das editoras.

¹²Portanto, a internet tem se tornado um espaço facilitador que acaba por redimensionar a literatura em todo o mundo.

O espaço cibernético proporcionou também a aproximação do escritor com seu leitor. ¹⁰Há menos de quinze anos, o escritor era um completo desconhecido. Comprávamos um livro e o líamos sem grandes possibilidades de contato com o autor. Hoje, ao lermos um livro impresso ou digitalizado, podemos encontrar *sites* e *blogs* que trazem mais informações sobre o autor e seus processos de escrita, entrevistas, curiosidades sobre personagens e todo tipo de informação que puder advir da obra em questão. Vários desses endereços virtuais disponibilizam ³até mesmo o e-mail do autor, de forma que seus leitores podem estabelecer contato com ele através de mensagens que muitas vezes são respondidas num tom cordial.

O escritor atual está mais próximo de seu leitor. A geração literária brasileira que vem se destacando no mercado editorial da última década, como Luís Ruffato, Cíntia Moscovich, Marcelino Freire, Santiago Nazarian, Daniel Galera, Simone Campos, Nélson de Oliveira, e muitos outros, tem permitido que o leitor possa ingressar no “mundo do autor” e conhecer o dia a dia do escritor através de seus *blogs* e *sites*. ⁵Além disso, há *sites* e portais especializados em literatura, como o Portal Literal, Literatura e Arte, Cronópios, Rascunho, Releituras e outros, repletos de informações sobre literatura e entrevistas com uma ampla variedade de autores.

⁶Nos dias atuais, não basta publicar a obra, é preciso também publicar o autor. E grande parte dessa acessibilidade à

figura do escritor tem sido proporcionada pela internet.

(...)

Muitos questionamentos acerca da resistência dos livros em relação à internet são constantemente elaborados, tanto por leitores comuns quanto por especialistas de várias áreas. O que já sabemos é que ¹mesmo com o desaparecimento do livro sendo alardeado há muitos anos, desde que obras digitalizadas começaram a aparecer na internet, as obras impressas não sumiram das editoras nem das livrarias. ¹¹Pelo contrário, o número de editoras tem crescido consideravelmente no Brasil.

As vantagens que o advento da internet ofereceu ao ressurgimento dos livros nessa era de tecnologia e modernização não são poucas. Contudo, não podemos afirmar que se lê menos hoje do que há décadas. É possível que se leia de forma diferente. Agora há mais informações, textos mais diversificados, o leitor pode escolher e selecionar o que realmente quer ler. Claro que há aqueles que não dispensam os livros, as páginas, o cheiro, a história no papel impresso. ⁸Não podemos negar que é excitante possuir um livro nas mãos e lê-lo. ⁷Mas também, ²por outro lado, não podemos duvidar que a internet nos possibilita a leitura de livros que não poderiam chegar às nossas mãos a não ser por ela.

(Revista Conhecimento Prático. Março/2010.p.24-28.)

(G1 - epcar (Cpcar) 2011) Assinale a alternativa em que **não** há uma oração subordinada reduzida de infinitivo.

a) “Nos dias atuais, não basta publicar a obra, é preciso também publicar o autor.” (ref. 6)

b) “Mas também, por outro lado, não podemos duvidar que a internet nos possibilita a leitura de livros...” (ref. 7)

c) “Não podemos negar que é excitante possuir um livro nas mãos e lê-lo.” (ref. 8)

d) “Vários escritores têm preferido publicar seus textos ou livros virtualmente a ter que enfrentar os critérios e a seleção...” (ref. 9)

Exercício 73

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O Outro Marido

¹⁴Era conferente da Alfândega – mas isso não tem importância. Somos todos alguma coisa fora de nós; o eu irredutível nada tem a ver com as classificações profissionais. Pouco importa que nos avaliem pela casca. ⁹Por dentro, sentia-se diferente, capaz de mudar sempre, enquanto a situação exterior e familiar não mudava. Nisso está o espinho do homem: ele muda, os outros não percebem.

Sua mulher não tinha percebido. Era a mesma de há 23 anos, quando se casaram (quanto ao íntimo, é claro). ³Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto um do outro, sem derivativo. Tão perto que se desconheciam mutuamente, como um objeto desconhece outro, na mesma prateleira de armário.

¹⁰Santos doía-se de ser um objeto aos olhos de Dona Laurinha.

Se ela também era um objeto aos olhos dele? Sim, mas com a diferença de que Dona Laurinha não procurava fugir a essa simplificação, nem reparava; era de fato, objeto. Ele, Santos, sentia-se vivo e desagradado.

¹Ao aparecerem nele as primeiras dores, Dona Laurinha penalizou-se, mas esse interesse não beneficiou as relações do casal. Santos parecia ⁶comprazer-se em estar doente. ¹¹Não propriamente em queixar-se, mas em alegar que ia mal. A doença era para ele ocupação, emprego suplementar. O médico da Alfândega dissera-lhe que certas formas reumáticas levam anos para ser dominadas, exigem adaptação e disciplina. Santos começou a cuidar do corpo como de uma planta delicada. E mostrou a Dona Laurinha a nevoenta radiografia da coluna vertebral com certo orgulho de estar assim tão afetado.

– Quando você ficar bom...

– Não vou ficar. Tenho doença para o resto da vida.

Para Dona Laurinha, a melhor maneira de curar-se é tomar remédio e entregar o caso à alma de Padre Eustáquio, que vela por nós. ²Começou a fatigar-se com a importância que o reumatismo assumira na vida do marido. E não se amolou muito ¹²quando ele anunciou que ia internar-se no hospital Gaffré e Guinle.

– Você não sentirá falta de nada – assegurou-lhe Santos. – Tirei licença com ordenado integral. Eu mesmo virei aqui todo começo de mês trazer o dinheiro. Hospital não é prisão.

– Vou visitar você todo domingo, quer?

– É melhor não ir. Eu descanso, você descansa, cada qual no seu canto.

Ela também achou melhor, e nunca foi lá. Pontualmente, Santos trazia-lhe o dinheiro da despesa, ficaram até um pouco amigos nessa breve conversa a longos intervalos. ⁴Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava. A visita não era de todo desagradável, desde que a doença deixara de ser assunto. Ela notou como a vida de hospital pode ser distraída: os internados sabem de tudo cá de fora.

– Pelo rádio – explicou Santos.

Um dia, ela se sentiu tão nova, apesar do tempo e das separações fundamentais, que imaginou uma alteração: por que ele não ficava até o dia seguinte, só essa vez?

– ⁵É tarde – respondeu Santos. E ela não entendeu se ele se referia à hora ou a toda a vida passada sem compreensão. É certo que vagamente o compreendia agora, e recebia dele mais que a mesada: uma hora de companhia por mês.

Santos veio um ano, dois, cinco. Certo dia não veio. ¹³Dona Laurinha preocupou-se. Não só lhe faziam falta os cruzeiros; ele também fazia. Tomou o ônibus, foi ao hospital pela primeira vez, em alvoroço. Lá ele não era conhecido. Na Alfândega informaram-lhe que Santos falecera havia quinze dias, a senhora quer o endereço da viúva?

– Sou eu a viúva – disse Dona Laurinha, espantada.

O informante olhou-a com incredulidade. Conhecia muito bem a viúva do Santos, Dona Crisália, fizera bons piqueniques com o casal na Ilha do Governador. Santos fora seu parceiro de bilhar e de pescaria. Grande praça. Ele era padrinho do filho mais velho de Santos. Deixara três órfãos, coitado.

E tirou da carteira uma foto, um grupo de praia. Lá estavam Santos, muito lépido, sorrindo, a outra mulher, os três garotos.

Não havia dúvida: era ele mesmo, seu marido. Contudo,⁷ a outra realidade de Santos era tão destacada da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.

– Desculpe, foi engano.⁸ A pessoa a que me refiro não é esta – disse Dona Laurinha, despedindo-se.

(Carlos Drummond de Andrade)

(Espcex (Aman) 2011) “Ao aparecerem nele as primeiras dores, D. Laurinha penalizou-se, mas esse interesse não beneficiou as relações do casal.” (ref.1)

Assinale a alternativa que contém a classificação sintática correta das orações do período transcrito acima.

a) oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo / oração principal / oração coordenada sindética adversativa.

b) oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo / oração coordenada sindética aditiva/oração principal.

c) oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de infinitivo / oração principal / oração coordenada sindética adversativa.

d) oração principal / oração subordinada adverbial modal reduzida de infinitivo / oração coordenada sindética aditiva.

e) oração subordinada adverbial conformativa reduzida de infinitivo / oração principal / oração coordenada sindética adversativa.

Exercício 74

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Casou Margarida, finalmente, aos 22 anos, já morto o velho Venceslau. Naquele sertão havia por esse tempo muita abastança, por modo que um grande pecúlio não era lá nenhum desses engodos. Os mancebos, que frequentavam a casa, frequentavam-na sem dúvida por causa da moça, por via de ser ela muito de liberalidades, muito amiga de agradar, não poupando nem mesmo as pequenas carícias que uma donzela senhora de si pode conceder sem prejuízo da sua física inteireza. Aconteceu a uns dois se lhe apegarem de rijo, porém as respectivas famílias, com a imposição que então os pais ainda abocanhavam, os desviaram; um deles, até à força bruta, quase amarrado, foi recambiado para Olinda, onde se ordenou. Todavia, contando-se este caso ao Rev. Visitador, que nesse tempo era o cura de Russas do Jaguaribe, balançou a cabeça em ar de motejo e de antigo entendedor de mulheres e de namoros: - Feiosa, baixa, entroncada, carrancuda ao menor enfado, disse ele, não admito que homem algum se apaixone pela filha do capitão-mor, salvo se não é aquela que eu tenho visto no Poço da Moita, onde cheguei a passar mais de uma semana com as febres. Vão ver que ela usou de feitiçaria... Ora se não é isso! Vão ver. - O Rev. Visitador ainda acredita em urucubacas? - Se creio! O Inimigo do gênero humano não dorme. E mulheres? Mulheres! mulheres! A nossa mãe Eva que não me deixe mentir. Em todo caso, razão tivesse ou não o sacerdote, é certo que o começo do tirano amor é sempre de umas exterioridadezinhas,

pontinhas de dotes profundos, que, em faltando, a mulher parece antes um homem, ou antes um animal sem sexo. Margarida era muitíssimo do seu sexo, mas das que são pouco femininas, pouco mulheres, pouco damas, e muito fêmeas. Mas aquilo tinha artes do Capioto. Transfigurava-se ao vibrar de não sei que diacho de molas.

Esposando ao Major Joaquim Damião de Barros, uns dezesseis anos mais avançado que ela na idade, passou a chamar-se Margarida Reginaldo de Oliveira Barros. Se, recebendo o nome do marido, ela fez tudo o mais que ordena a Santa Madre Igreja, a Deus pertence.

PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Ática, 2000, 4ª ed. p.16-17

(Ufc 2004) Avalie o que se afirma sobre as expressões POR MODO QUE e POR VIA DE e, a seguir, assinale a alternativa correta.

I. POR MODO QUE e POR VIA DE são sintática e semanticamente equivalentes.

II. POR MODO QUE introduz uma oração desenvolvida e POR VIA DE, uma oração reduzida.

III. A substituição por POR ISSO e POR, respectivamente, subtrai das construções parte do seu caráter regionalista.

a) Apenas I é verdadeira.

b) Apenas II é verdadeira.

c) Apenas III é verdadeira.

d) Apenas I e II são verdadeiras.

e) Apenas II e III são verdadeiras.

Exercício 75

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Noruega como Modelo de Reabilitação de Criminosos

O Brasil é responsável por uma das mais altas taxas de reincidência criminal em todo o mundo. No país, a taxa média de reincidência (amplamente admitida, mas nunca comprovada empiricamente) é de mais ou menos 70%, ou seja, 7 em cada 10 criminosos voltam a cometer algum tipo de crime após saírem da cadeia.

Alguns perguntariam "Por quê?". E eu pergunto: "Por que não?" O que esperar de um sistema que propõe reabilitar e reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime, mas nada oferece, para que essa situação realmente aconteça? Presídios em estado de depredação total, pouquíssimos programas educacionais e laborais para os detentos, praticamente nenhum incentivo cultural, e, ainda, uma sinistra cultura (mas que diverte muitas pessoas) de que bandido bom é bandido morto (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

Situação contrária é encontrada na Noruega. Considerada pela ONU, em 2012, o melhor país para se viver (1º no ranking do IDH) e, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Avante Brasil,

o 8º país com a menor taxa de homicídios no mundo, lá o sistema carcerário chega a reabilitar 80% dos criminosos, ou seja, apenas 2 em cada 10 presos voltam a cometer crimes; é uma das menores taxas de reincidência do mundo. Em uma prisão em Bastoy, chamada de ilha paradisíaca, essa reincidência é de cerca de 16% entre os homicidas, estupradores e traficantes que por ali passaram. Os EUA chegam a registrar 60% de reincidência e o Reino Unido, 50%. A média europeia é 50%.

A Noruega associa as baixas taxas de reincidência ao fato de ter seu sistema penal pautado na reabilitação e não na punição por vingança ou retaliação do criminoso. A reabilitação, nesse caso, não é uma opção, ela é obrigatória. Dessa forma, qualquer criminoso poderá ser condenado à pena máxima prevista pela legislação do país (21 anos), e, se o indivíduo não comprovar estar totalmente reabilitado para o convívio social, a pena será prorrogada, em mais 5 anos, até que sua reintegração seja comprovada.

O presídio é um prédio, em meio a uma floresta, decorado com grafites e quadros nos corredores, e no qual as celas não possuem grades, mas sim uma boa cama, banheiro com vaso sanitário, chuveiro, toalhas brancas e porta, televisão de tela plana, mesa, cadeira e armário, quadro para afixar papéis e fotos, além de geladeiras. Encontra-se lá uma ampla biblioteca, ginásio de esportes, campo de futebol, chalés para os presos receberem os familiares, estúdio de gravação de música e oficinas de trabalho. Nessas oficinas são oferecidos cursos de formação profissional, cursos educacionais, e o trabalhador recebe uma pequena remuneração. Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia. A prisão é construída em blocos de oito celas cada (alguns dos presos, como estupradores e pedófilos, ficam em blocos separados). Cada bloco tem sua cozinha. A comida é fornecida pela prisão, mas é preparada pelos próprios detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.

Todos os responsáveis pelo cuidado dos detentos devem passar por no mínimo dois anos de preparação para o cargo, em um curso superior, tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão. Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar. A diferença do sistema de execução penal norueguês em relação ao sistema da maioria dos países, como o brasileiro, americano, inglês, é que ele é fundamentado na ideia de que a prisão é a privação da liberdade, e pautado na reabilitação e não no tratamento cruel e na vingança.

O detento, nesse modelo, é obrigado a mostrar progressos educacionais, laborais e comportamentais, e, dessa forma, provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade novamente junto à sociedade.

A diferença entre os dois países (Noruega e Brasil) é a seguinte: enquanto lá os presos saem e praticamente não cometem crimes, respeitando a população, aqui os presos saem roubando e matando pessoas. Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

LUIZ FLÁVIO GOMES, jurista, diretor-presidente do Instituto Avante Brasil e coeditor do Portal atualidadesdodireito.com.br.

Estou no blogdolfg.com.br.

** Colaborou Flávia Mestriner Botelho, socióloga e pesquisadora do Instituto Avante Brasil.

FONTE: Adaptado de <http://institutoavantebrasil.com.br/noruega-como-modelo-de-reabilitacao-de-criminosos/>. Acessado em 17 de março de 2017.

(Espcex (Aman) 2018) No período, "**Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades**", de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia", as duas orações destacadas são subordinadas reduzidas de infinitivo e classificam-se, respectivamente, como

a) substantiva apositiva e substantiva subjetiva.

b) adverbial final e substantiva subjetiva.

c) adverbial final e substantiva completiva nominal.

d) substantiva objetiva indireta e adverbial consecutiva.

e) adverbial consecutiva e substantiva apositiva.

Exercício 76

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

E Sofia? interroga impaciente a leitora, tal qual Orgon: Et Tartufe? Ai, amiga minha, a resposta é naturalmente a mesma, – também ela comia bem, dormia largo e fofo, – coisas que, aliás, não impedem que uma pessoa ame, quando quer amar. Se esta última reflexão é o motivo secreto da vossa pergunta, deixai que vos diga que sois muito indiscreta, e que eu não me quero senão com dissimulados.

Repito, comia bem, dormia largo e fofo. Chegara ao fim da comissão das Alagoas, com elogios da imprensa; a Atalaia chamou-lhe “o anjo da consolação”. 1E não se pense que este nome a alegrou, posto que a lisonjeasse; ao contrário, resumindo em Sofia toda a ação da caridade, podia mortificar as novas amigas, e fazer-lhe perder em um dia o trabalho de longos meses. Assim se explica o artigo que a mesma folha trouxe no número seguinte, nomeando, particularizando e glorificando as outras comissárias – “estrelas de primeira grandeza”.

Machado de Assis, Quincas Borba.

(Fuvest 2020) Considerando o contexto, o trecho “E não se pense que este nome a alegrou, posto que a lisonjeasse” (ref. 1) pode ser reescrito, sem prejuízo de sentido, da seguinte maneira: E não se pense que este nome a alegrou,

a) apesar de lisonjeá-la.

b) antes a lisonjeou.

c) porque a lisonjeava.

d) a fim de lisonjeá-la.

e) tanto quanto a lisonjeava.

Exercício 77

(Ufpr 2019) A explosão das medusas em todo o mundo se deve a uma série de fatores inter-relacionados. Uma das principais causas é o excesso de pesca de seus predadores naturais, como o atum, o que ao mesmo tempo elimina a concorrência pelo alimento e o espaço de reprodução. Em paralelo, diversas atividades humanas em regiões costeiras também ajudam a explicar o fenômeno: ali onde enormes quantidades de nutrientes são jogadas no mar (em forma de resíduos agrícolas, por exemplo), produzindo grandes explosões de populações de algas e plânctons, que consomem o oxigênio da água e geram as denominadas zonas mortas. Não muitos peixes e mamíferos aquáticos conseguem sobreviver nelas, mas as medusas sim, além de encontrarem no plâncton uma fonte de alimentação abundante e ideal. Quando as populações de medusas conseguem se estabelecer, as larvas de outras espécies acabam sendo parte do cardápio também, desequilibrando a cadeia trófica.

As medusas são, além disso, um dos poucos vencedores naturais da mudança climática, já que seu ciclo reprodutivo é favorecido pelo aumento da temperatura nos ciclos oceânicos. Mas há mais fatores. Existem evidências de que certas espécies de medusa se reproduzem com mais facilidade junto a estruturas costeiras artificiais, como molhes e píeres. Por isso, é difícil saber se os esforços para deter, ou até reverter a mudança climática, representam uma solução à crescente presença de medusas nos mares, pelo menos enquanto continuem gerando problemas em ecossistemas costeiros e cadeias alimentares marinhas. [...] No entanto – e não muito longe de Monte Hermoso – um cientista elucubra uma ideia mais interessante: se queremos resolver o problema das medusas, temos de parar de vê-las como um mal, e começar a vê-las como comida.

(Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/ciencia/1537282711_864007.html>.)

Entre o segmento “Quando as populações de medusas conseguem se estabelecer” e o segmento “as larvas de outras espécies acabam sendo parte do cardápio também”, exprime-se uma relação de:

- a) causalidade.
- b) condicionalidade.
- c) proporcionalidade.
- d) temporalidade.
- e) complementaridade.

Exercício 78

(Ufpr 2017)

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a

terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

(Antônio Vieira, *Sermão de Santo Antônio*, em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000033.pdf>>.)

Vieira é um homem do século XVII. É possível detectar, no texto de Vieira, características da língua portuguesa que divergem de seu uso contemporâneo. Pensando nessa diferença entre o português atual e o português usado por Vieira, considere as seguintes afirmativas:

- 1. Diferentemente de hoje, o pronome pessoal oblíquo átono antecedia a negação.
- 2. O “porque” é empregado no texto como conjunção explicativa e sua grafia é a mesma usada atualmente.
- 3. A conjunção “ou” tem no texto um uso que não é o de alternância.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.
- b) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.
- c) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.

Exercício 79

O Brasil entre a norma culta e a norma curta

Boa parte de nossa elite letrada do século XIX desejava ardentemente viver numa sociedade branca e europeia. Tinha, portanto, de virar as costas para o país real, figurá-lo diferente do que era. 1Não à toa essa elite defendeu o que se costumava chamar 2“higienização da raça”, ou seja, 3a implementação de políticas que resultassem no 4“embranquecimento” do país. Em matéria de língua, essa elite vivia complexas contradições. Duas realidades eram evidentes para todos: 5o português de cá tinha diferenças em relação ao português europeu; 7e aqui dentro o “nosso” português diferia do português do “vulgo”. Na construção do novo país, 8como resolver esse duplo eixo de diferenças?

9Quando se acirrou, no século XIX, a questão da norma culta, nossas diferenças foram logo interpretadas como deturpações da língua. Não adiantou José de Alencar, no seu esforço para abrigar a norma escrita, apelar para os clássicos, a fim de mostrar a antiguidade de fatos da língua do Brasil. 10O que prevaleceu foi a imagem de que somos uma sociedade que fala e escreve mal a língua portuguesa. E tudo o que – no português culto brasileiro – não coincidia com certa norma lusitana passou a ser listado por 11gramaticistas pseudopuristas como erro.

Nessa guerra, venceram os conservadores, definindo certa norma lusitana do romantismo como modelo para nossa escrita. 12Como eram claras, inevitáveis e persistentes as diferenças da norma culta brasileira em relação a esse padrão artificialmente fixado, foi preciso construir uma norma “curta”,

um discurso categórico, uma contínua 13desqualificação do falante brasileiro.

Nem o desenvolvimento dos estudos filológicos e linguísticos, nem a rebelião literária de 1922, nem a crítica da norma curta por nossos melhores filólogos, nada disso conseguiu romper a força do imaginário construído no século XIX. Ainda se diz que os brasileiros falam errado, não sabem falar português, tratam mal sua língua e assim por diante.

Não é difícil mostrar com fatos e argumentos lógico-rationais que essas certezas não existem. Mas o imaginário resiste aos fatos, aos argumentos lógico-rationais. Fica, então, a pergunta que não quer calar¹⁴: 15como enfrentar poderosos imaginários?

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2011, p. 259-275. [Adaptado].

Obs.: A noção de “norma culta” equivale à noção de “variedade padrão”, termo utilizado no Edital 06/Coperve/2017 e no Programa das Disciplinas.

(Ufsc 2018) Considere os trechos abaixo, retirados do texto.

I. Quando se acirrou, no século XIX, a questão da norma culta, nossas diferenças foram logo interpretadas como deturpações da língua. (ref. 9)

II. O que prevaleceu foi a imagem de que somos uma sociedade que fala e escreve mal a língua portuguesa. (ref. 10)

III. Como eram claras, inevitáveis e persistentes as diferenças da norma culta brasileira em relação a esse padrão artificialmente fixado, foi preciso construir uma norma “curta”, um discurso categórico, uma contínua desqualificação do falante brasileiro. (ref. 12)

Em relação aos trechos, é correto afirmar que:

01) em I, o vocábulo “quando” introduz uma informação temporal que situa a época em que a questão da norma se intensificou.

02) em I, o vocábulo “logo” funciona como conector que introduz uma oração conclusiva.

04) em II, “O que [...] foi” é um recurso de ênfase que pode ser retirado da frase, sem ferir a norma culta da língua escrita.

08) em II, há uma relação semântica de causa e consequência: se fala mal, então escreve mal.

16) em I e III, a palavra “como” funciona como conector comparativo em cada uma das ocorrências.

32) em I e III, os termos “a questão da norma culta” e “as diferenças da norma culta brasileira” funcionam como sujeito e estão em relação de concordância com as formas verbais “acirrou” e “eram”, respectivamente.

64) em III, “esse padrão” faz referência a “norma culta brasileira”.

Exercício 80

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha¹.

Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar. Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(Fábulas, 2013.)

1doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

(Unesp 2016) “Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.” (1º parágrafo)

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- a) proporção.
- b) comparação.
- c) consequência.
- d) causa.
- e) finalidade.

Exercício 81

Leia o trecho extraído do artigo “Cosmologia, 100”, de Antonio Augusto Passos Videira e Cássio Leite Vieira, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

“Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” A frase – que tem algo da essência do hoje clássico A estrada não percorrida (1916), do poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963) – está em um artigo científico publicado há cem anos, cujo teor constitui um marco histórico da civilização.

Pela primeira vez, cerca de 50 mil anos depois de o Homo sapiens deixar uma mão com tinta estampada em uma pedra, a humanidade era capaz de descrever matematicamente a maior estrutura conhecida: o Universo. A façanha intelectual levava as digitais de Albert Einstein (1879-1955).

Ao terminar aquele artigo de 1917, o físico de origem alemã escreveu a um colega dizendo que o que produzira o habilitaria a ser “internado em um hospício”. Mais tarde, referiu-se ao arcabouço teórico que havia construído como um “castelo alto no ar”.

O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas: era finito, sem fronteiras e estático – o derradeiro traço alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.

Em “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, publicado em fevereiro de 1917 nos Anais da Academia Real Prussiana de Ciências, o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes: a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.

Esse bloco matemático impenetrável (mesmo para físicos) nada

mais é do que uma teoria que explica os fenômenos gravitacionais. Por exemplo, por que a Terra gira em torno do Sol ou por que um buraco negro devora avidamente luz e matéria. Com a introdução da relatividade geral, a teoria da gravitação do físico britânico Isaac Newton (1642-1727) passou a ser um caso específico da primeira, para situações em que massas são bem menores do que as das estrelas e em que a velocidade dos corpos é muito inferior à da luz no vácuo (300 mil km/s). Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia, “Teoria da Relatividade Especial e Geral”, na qual populariza suas duas teorias, incluindo a de 1905 (especial), na qual mostrara que, em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.

Tamanho esforço intelectual e total entrega ao raciocínio cobraram seu pedágio: Einstein adoeceu, com problemas no fígado, icterícia e úlcera. Seguiu debilitado até o final daquela década.

Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta. Porém, a historiadora da ciência britânica Patricia Fara lembra que aqueles eram tempos de “cosmologias”, de visões globais sobre temas científicos. Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), marcada por uma visão cosmológica da Terra.

Fara dá a entender que várias áreas da ciência, naquele início de século, passaram a olhar seus objetos de pesquisa por meio de um prisma mais amplo, buscando dados e hipóteses em outros campos do conhecimento.

Folha de S. Paulo, 01.01.2017. Adaptado.

(Unesp 2017) Em “O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas [...]” (4º parágrafo), a oração destacada encerra sentido de

- a) consequência.
- b) explicação.
- c) causa.
- d) restrição.
- e) conclusão.

Exercício 82

Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não puguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...] Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(Essencial, 2011.)

(Unesp 2018) “Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” (1º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho destacado tem sentido de

- a) condição.
- b) proporção.
- c) finalidade.
- d) causa.
- e) consequência.

Exercício 83

Para responder à(s) questão(ões), leia o trecho de uma fala do personagem Quincas Borba, extraída do romance Quincas Borba, de Machado de Assis, publicado originalmente em 1891.

— [...] O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a

outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. [...] Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-las a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho. (Quincas Borba, 2016.)

(Unesp 2020) Em “mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra” e “As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos”, os termos sublinhados estabelecem relação, respectivamente, de

- a) consequência e conformidade.
- b) causa e conformidade.
- c) conformidade e consequência.
- d) causa e finalidade.
- e) consequência e finalidade.

Exercício 84

Leia o trecho do livro A dança do universo, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão. Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes,

Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes. Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (Pequeno comentário). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

(A dança do universo, 2006. Adaptado.)

(Unesp 2019) “Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.” (3º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado tem sentido de

- a) consequência.
- b) condição.
- c) conclusão.
- d) concessão.
- e) causa.

GABARITO

Exercício 1

- c) oposição.

Exercício 2

- a) Os estudos não somente instruem, mas também divertem.

Exercício 3

a) modesto, no entanto digno.

Exercício 4

d) liga duas orações de sentido distinto e exerce uma função excludente.

Exercício 5

b) tem uma função de justificação das razões pelas quais o poeta é capaz de ouvir e entender estrelas.

Exercício 6

c) mas – Já – então.

Exercício 7

e) oposição

Exercício 8

b) Apresente seus argumentos ou ficará sem chance de defesa. (conclusiva)

Exercício 9

a) Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Exercício 10

d) porque.

Exercício 11

a) oposição.

Exercício 12

a) Somente os exemplos I e II são corretos.

Exercício 13

e) todavia

Exercício 14

b) I e III.

Exercício 15

b) “Ela lança o sujeito de volta para dentro de si e o leva a encarar o horror, as crueldades...” (ref. 8)

Exercício 16

d) [Ainda que as cervejas artesanais servidas na festa sejam de ótima procedência], alguém ficará insatisfeito. / Alguns trabalhadores chegaram atrasados [embora tivessem sido avisados do horário de fechamento da secretaria da empresa].

Exercício 17

a) I e II apenas.

Exercício 18

c) trata-se de um período composto por coordenação e subordinação.

Exercício 19

a) tempo e modo

Exercício 20

d) Tempo, causa, condição.

Exercício 21

a) "Conforme declarei" e "como sabem" são orações subordinadas adverbiais conformativas, que servem para o autor dialogar com o leitor.

Exercício 22

c) 3 orações sendo as duas primeiras subordinadas adverbiais condicionais, coordenadas entre si, e a última, oração principal;

Exercício 23

e) O conectivo **enquanto** estabelece ideia de comparação.

Exercício 24

e) I, II e III.

Exercício 25

d) F - F - F - V.

Exercício 26

a) Entre os parágrafos 1 e 2, a coesão é feita só com a progressão das ideias do parágrafo 1, sem nenhum elo linguístico.

Exercício 27

c) Considerando a correção gramatical, o uso do advérbio "talvez" (ref. 4) implica o uso do modo verbal subjuntivo ("explique").

Exercício 28

c) finalidade - condição - tempo - proporção - causa

Exercício 29

e) “Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo [...]”

Exercício 30

c) Em vasculhando a consciência, não acho pecado que mereça remorso.

Exercício 31

a) “O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças.” – Período composto, no qual se verifica que há entre a oração principal e a subordinada uma relação de comparação.

Exercício 32

c) orações subordinadas, sendo uma principal e outra subordinada substantiva.

Exercício 33

d) O ideal é que nós sejamos amigos.

Exercício 34

c) subordinada substantiva subjetiva.

Exercício 35

a) subjetiva – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal

Exercício 36

e) substantiva objetiva direta.

Exercício 37

c) substantiva objetiva direta.

Exercício 38

d) Seu medo era que ele fosse reprovado no concurso. (Oração Subordinada Substantiva Predicativa)

Exercício 39

a) Aqui ninguém se opõe **a que se conheça o sistema**.

Exercício 40

d) subordinada substantiva completiva nominal.

Exercício 41

d) As vírgulas servem para isolar a oração subordinada adverbial que está inserida em sua oração principal.

Exercício 42

c) F – F – V – V – F

Exercício 43

e) caracterização.

Exercício 44

c) subordinadas adjetivas, pois exercem a função de adjetivo.

Exercício 45

c) A frase I, por conter Oração Subordinada Adjetiva Restritiva, não apresenta vírgulas. Esse fato está em conformidade com as normas gramaticais vigentes.

Exercício 46

c) ... Estados Unidos, que constroem muros e que fortalecem a repressão...

Exercício 47

- a) R
- b) E
- c) R
- d) E
- e) R

Exercício 48

02) Na referência 4, o vocábulo “que” retoma a expressão “as hierarquias e as gradações”, desencadeando uma concordância verbal no plural com o verbo “estão” (referência 5).

16) Na referência 18, “a qual” retoma a expressão “a nossa ontologia”, mencionada anteriormente.

Exercício 49

b) [...] morrer com tudo o que são, naquelas terras.

Exercício 50

d) I e III apenas.

Exercício 51

a) adjetiva restritiva.

Exercício 52

e) A oração adjetiva sublinhada só pode ser restritiva, pois reduz a categoria dos animais e é indispensável ao sentido da frase: somente os que comem carne é que são chamados de carnívoros.

Exercício 53

c) subordinada adjetiva.

Exercício 54

d) uma oração subordinada adjetiva e outra subordinada adverbial.

Exercício 55

d) “que se pode experimentar” (ref. 4).

Exercício 56

d) a primeira explica o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda limita o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).

Exercício 57

d) conjunção integrante e encabeça oração subordinada substantiva.

Exercício 58

d) apenas I e II estão corretas.

Exercício 59

c) adjetivo, substantivo, advérbio

Exercício 60

e) I, II e III.

Exercício 61

b) “a população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra”

Exercício 62

b) II e III.

Exercício 63

b) Somente as afirmativas II e III estão corretas.

Exercício 64

e) Tendo a mãe um pouco de educação, consegue-se que o filho tenha acesso aos programas sociais do governo.

Exercício 65

b) ... quando perceberam...

Exercício 66

01) O elemento precedente ao qual essa oração acrescenta informações é *Constituição Federal*.

08) As vírgulas utilizadas para marcar o início e o fim dessa oração poderiam ser substituídas por parênteses sem prejuízo do entendimento.

Exercício 67

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

Exercício 68

d) *Ignoram o dito de Jesus: ‘Quem preservar a sua vida perde-la-á.’*

Exercício 69

a) tempo.

Exercício 70

e) “[...] de conduzir homens e armas até o cenário da guerra.” (7º parágrafo) – subordinada substantiva completiva nominal

Exercício 71

d) Apenas I e II.

Exercício 72

b) “Mas também, por outro lado, não podemos duvidar que a internet nos possibilita a leitura de livros...” (ref. 7)

Exercício 73

a) oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo / oração principal / oração coordenada sindética adversativa.

Exercício 74

e) Apenas II e III são verdadeiras.

Exercício 75

b) adverbial final e substantiva subjetiva.

Exercício 76

a) apesar de lisonjeá-la.

Exercício 77

d) temporalidade.

Exercício 78

c) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.

Exercício 79

01) em I, o vocábulo “quando” introduz uma informação temporal que situa a época em que a questão da norma se intensificou.

04) em II, “O que [...] foi” é um recurso de ênfase que pode ser retirado da frase, sem ferir a norma culta da língua escrita.

32) em I e III, os termos “a questão da norma culta” e “as diferenças da norma culta brasileira” funcionam como sujeito e estão em relação de concordância com as formas verbais “acirrou” e “eram”, respectivamente.

Exercício 80

d) causa.

Exercício 81

d) restrição.

Exercício 82

a) condição.

Exercício 83

d) causa e finalidade.

Exercício 84

b) condição.